



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS

60 ANOS

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 2

ANO I

V FASE

JULHO 1985

Cr\$ 1.000

Editorial

CONSTITUINTE

O caminho para derrotar a reação

A pós a grande batalha pelo término do regime de arbítrio coroada de pleno êxito, as questões institucionais ocupam espaços consideráveis nas preocupações do povo e do mundo político. Esta preocupação manifesta-se sob duplo aspecto: a limpeza da legislação em vigor dos casuísmos e leis arbitrarias, de origem ditatorial, e a convocação da Assembléia Nacional Constituinte.

Os debates que já se vêm fazendo são de enorme importância, precisam ganhar maior dimensão não apenas nos meios políticos e jurídicos, mas no seio do povo. Pela primeira vez os brasileiros participam amplamente de um debate dessa natureza e tomam consciência do significado da elaboração da Carta Magna.

Mal começa o debate, já se ouvem vozes agourelas opondo-se ao poder constituinte soberano. Um ministro do Supremo Tribunal Federal chegou a declarar-se contrário à convocação da Assembléia Constituinte, sob pretexto reacionário de que, sob um clima democrático, pudesse surgir uma Constituição mais avançada. Ele preferia simples remendos na Carta outorgada por um regime fascista. Por sua vez, o comandante da Escola Superior de Guerra anuncia que esse centro antidemocrático formador de "quadros" para governos da reação iria fazer um projeto de Constituição, enquanto ministros militares vêm a público defender a fórmula atual, incorreta, do papel das FF. AA. na carta constitucional a ser elaborada. Há também os que pretendem confeccionar a Lei Maior em gabinetes fechados, onde predominem os juristas. São pretensos democratas que fingem desconhecer que o povo, em última instância, através de seus representantes autorizados, é o verdadeiro poder constituinte. Aos juristas cabe essencialmente a parte técnica do documento, a ordenação de seus princípios, a harmonia e a coerência do texto legal. Mas o conteúdo tem de ser a síntese da vontade da maioria da nação, uma vez que a Constituição expressa em termos jurídicos a forma de organização da sociedade.

O Brasil teve várias Constituições, ultrapassadas pelo tempo e pelas idéias que continham. Não se pode



repeti-las, copiá-las ou simplesmente adaptá-las às novas condições surgidas no país. O Brasil necessita de uma Constituição moderna, atualizada, efetivamente democrática, que reflita a realidade nacional.

A superestrutura política, a organização estatal acha-se superada em muitos aspectos. Tal como se apresenta, constitui estorvo ao progresso social, freio ao avanço da sociedade brasileira. Afóra a hipocrisia, como essa de afirmar que "todo o poder emana do povo" quando vivíamos em pleno regime despótico, o predominante na Carta atual é a manutenção dos interesses retrógrados das forças chamadas conservadoras, dos segmentos da população mais infensos ao progresso social. A Carta outorgada em vigor, nem mesmo formalmente, pôs qualquer obstáculo à submissão vergonhosa do Brasil aos banqueiros internacionais.

Não há dúvida: alcançar uma Constituição democrática e progressista é uma grande batalha política de dimensão igual ou maior do que foi a luta pelo fim do regime militar,

batalha que tem como adversários as forças da reação e do imperialismo, em particular o norte-americano. É indispensável debater por toda a parte, esclarecer em profundidade os temas constitucionais, mobilizar a opinião pública e, sobretudo, encher as praças e os lugares amplos com milhões de brasileiros exigindo uma Constituinte livre e soberana, a elaboração de uma Carta verdadeiramente democrática que corresponda aos anseios do povo e registre normas que assegurem o progresso efetivo e a independência nacional, e facilitem as transformações exigidas pelas grandes massas populares.

Ninguém pode manter-se indiferente às ações pela consolidação e desenvolvimento da democracia no país que tem na feitura da nova Constituição um de seus pontos mais destacados. O proletariado e os assalariados em geral, principalmente, são convocados a ocupar a dianteira desse grande acontecimento. Porque seus direitos, permanentemente negados, precisam ser inscritos, e garantidos pela organização e a luta do povo, na Constituição da Nova República.

**PC do B é legal
e está aberto
aos brasileiros
em todo o país**

Páginas 3, 14, 15 e 16

**Nova República
deve avançar
para consolidar
a democracia**

Página 3

**Reforma agrária
precisa do apoio
dos trabalhadores
e dos democratas**

Página 5

ÍNDICE

Página 2

Vida nas fábricas: Desemprego e miséria rondam os operários

Página 4

Os estudantes e em busca de importantes mudanças

Páginas 6 e 7

Sindicalistas opinam sobre a nova lei de greve

Páginas 8 e 9

A Classe Operária, nossa estrela guia Documento Histórico

Página 10

Entrevista: Sempre sonhei conhecer o verdadeiro socialismo

Página 11

Entrevista: Resistência dos operários e comunistas portugueses

Página 12

Reagan ameaça invadir Nicarágua

Página 13

Superpotências querem submeter todas as nações

Vida nas fábricas

Desemprego e miséria rondam os operários



O setor industrial brasileiro recebeu um grande impulso nos últimos anos. As fábricas se multiplicaram e se modernizaram, os capitalistas nacionais criaram monopólios e oligopólios e se associaram em grande medida ao capital estrangeiro. Temos grandes fábricas e seus lucros se multiplicam rapidamente. Nem mesmo a recente recessão que atingiu a economia do país, provocada pelas medidas impostas pelo FMI, conseguiu quebrar a espiral lucrativa das empresas.

Mas se o capitalismo se fortaleceu e o setor industrial ganhou grande impulso no Brasil, a classe operária, que na verdade produziu toda essa riqueza e gerou todo esse lucro, nada ganhou, não melhorou seu nível de vida. Muito pelo contrário, a miséria dos trabalhadores aumentou, seus salários reais caíram verticalmente, sua mesa minguou, sua casa virou barraco, seus filhos emagreceram. Dentro das fábricas também sua vida piorou, pois a exploração, com a modernização do capitalismo, não diminuiu, aumentou.

Com essa situação, a luta da classe operária brasileira alcança patamares mais amplos e mais radicais. Hoje se luta por aumentos reais e trimestrais de salários, jornada de 40 horas semanais de trabalho, liberdade e autonomia sindical e outras reivindicações que diminuam a situação de quase desespero em que vivem hoje os trabalhadores.

Operários desabafam

A *Classe Operária*, foi à porta de algumas fábricas em São Paulo e ouviu dos operários, o que eles pensam da vida que levam dentro das fábricas e do capitalismo que os explora e os joga na miséria. São trabalhadores comuns, a maioria sem militância política ou sindical, mas que vivem revoltados com a situação.

ACA, é um ferramenteiro experiente, que depois de passar por mais de 11 anos trabalhando numa mesma

fábrica na zona sul, foi demitido em 1981 e depois disso já passou por outras três empresas. Segundo ele, "a rotatividade de mão-de-obra existente atualmente só serve mesmo para diminuir o salário do trabalhador". ACA diz que "se continuasse na mesma empresa onde começou a trabalhar, estaria ganhando hoje três vezes mais. A cada demissão e cada novo emprego, o salário é mais baixo que o anterior. Por causa disso, eu que morava num bairro até razoável, já me mudei para mais longe e de uma casa de dois quartos, hoje moro numa de apenas um quarto, nos fundos e sem quintal."

Ele vai mais longe, ao afirmar que roupa mesmo, ele só compra quando a melhorzinha já ficou puída. Passeios, como ir algumas vezes a Santos, de ônibus, com toda a família, a mulher e dois filhos, há muito que não faz. Carne, que comia pelo menos duas vezes por semana, há cinco anos atrás, "agora é uma vez ou outra e mesmo assim misturada com batata".

Sobre o ritmo de trabalho na fábrica, ele acha que hoje é muito mais intenso que antes. "As máquinas modernas possuem um ritmo maior, engiçam menos e obrigam praticamente a gente a trabalhar mais. Também a disciplina é maior, não existe mais aquela amizade entre as chefias e os operários. Agora os chefes querem mostrar serviço e por ordem da empresa arrotam mais a gente".

Como no quartel

Um outro operário, também da zona sul, meio oficial de uma grande fábrica de bicicletas, cujo dono aparece nas colunas sociais como um capitão de indústria "bonzinho" e civilizado, diz que aquela empresa é um verdadeiro quartel. "Já escrevi até para jornais dizendo como é nossa vida aqui. Evidentemente que não usando meu nome verdadeiro, porque senão seria demitido. Nos últimos

dois meses, já foram demitidos mais de 300 operários. O clima nas oficinas é infernal".

JM é jovem e por isso mais revoltado que os outros operários, como ele mesmo diz. "Aqui a gente tem hora marcada até para fazer xixi. E o chefe fica de olho. Se você chegar atrasado 10 minutos de manhã, ou na hora do almoço, acaba perdendo o dia ou sendo suspenso. Se você perde uma peça por descuido ou por cansaço ou até por defeito da máquina, a empresa desconta no seu salário". JM tem frequentado a delegacia do Sindicato dos metalúrgicos na zona sul de São Paulo, mas diz que teme ser demitido por isso. "A empresa sempre fica de olho em quem vai muito ao Sindicato", afirma.

"Eu moro com minha família. Se não fosse isso não teria como me sustentar com meus dois salários mínimos. Mesmo assim, dou quase tudo que ganho para casa, pois dos meus três irmãos, sou o único que trabalha, junto com meu pai. Moramos mal, numa casa apertada de dois quartos pequenos, num bairro longe e pobre. Lá não tem supermercado, não tem posto de saúde e nem delegacia de polícia". JM diz que mesmo arriscando ser demitido, vai continuar lutando e denunciando a situação que vive dentro e fora da fábrica.

Miséria e desemprego

Numa conversa com três operários de uma mesma fábrica na zona norte, fica patente o medo que os trabalhadores têm do desemprego e da miséria mais absoluta que ronda seus lares. Em algumas fábricas, principalmente as maiores, praticamente todos os dias alguém é demitido. A rotatividade da mão-de-obra é abusiva e serve para baixar os salários. E quem sofre mais com isso são os chamados profissionais especialistas: torneiros, ferramenteiros, oficiais experientes,

como eles dizem.

"Aqui é só a gente chegar a um certo nível de salário, digamos quatro salários, ou cinco, o desemprego começa a rondar. Por qualquer coisa o chefe começa a nos advertir, os descontos aumentam e a perseguição fica insuportável". Todos eles falam a mesma coisa dos equipamentos modernos da fábrica e do luxo dos escritórios da diretoria e dos chefes.

"Eu vejo chegar aqui até computador. Qualquer defeito na peça é detectado na hora. Temos que ter muito mais atenção no serviço. Tem dia até que fico com dor de cabeça de tão preocupado com o andamento do ritmo das máquinas", diz HBV. Eles dizem também que as possibilidades de promoção diminuíram nos últimos anos, pois em vez de pegar um meio oficial e promover ele a torneiro ou oficial, a fábrica prefere contratar um desempregado já experiente, pelo mesmo salário ou por menos ainda.

Os três operários moram num mesmo bairro nas imediações do Horto Florestal. "Lá o que tem de bom é o ar, porque o mais é a maior pobreza", dizem. Um deles, o VCS paga prestação do BNH e diz estar apavorado com o aumento das prestações. Já paga quase a metade de seu pequeno salário de prestação e com o novo aumento, acha que vai ter que abandonar a casa, de quatro cômodos, onde vive com a mulher e um filho pequeno, mais a sogra e uma tia. Na casa só entra dinheiro dele e de alguns trabalhos extras que a mulher e a tia fazem para fora, "que não dão nem para o leite da criança".

"Essa é a vida do operário, trabalhando muito, sem dinheiro para nada, sempre endividado e ainda com medo de perder o emprego e aí cair na miséria mesmo. Isso dá medo até de lutar contra a situação, mas acho que não tem outro jeito. O negócio é lutar para melhorar nossa vida, senão ela vai piorando cada vez mais", afirma enfático VCS.

Expediente

A CLASSE OPERÁRIA

Publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda.
Redação e Administração:
Avenida Brigadeiro Luís Antônio,
317 - 4º andar - Conj. 43
CEP 01317 - Fone 34-0689 -
São Paulo - Capital
Jornalista Responsável:
João Amazonas
Diagramação e Arte: Vinicius Garcia
Composição e Fotolitos:
Litarte Fotolitos Ltda.
Impressão: Cia. Editora Joruês



Povo continua unido por mudanças efetivas

José Reinaldo Carvalho

A fronteira que separa as forças mudancistas da Nova República dos setores retrógrados e conservadores vai-se tornando cada vez mais nítida, à proporção que entra na ordem do dia o atendimento das exigências do povo. Desenrola-se, na verdade, agudo confronto entre "dois Brasis": num dos pólos o **Brasil maior** das multidões nas ruas, da luta pelo fim do despotismo castrense, da prevalência da liberdade sobre o arbítrio, do anseio legítimo por justiça social, progresso, independência e soberania. No outro, o **Brasil menor** dos inimigos do povo, dos que querem manter iníquos privilégios à custa do ultraje da nação, da fome da esmagadora maioria da população, o Brasil da reação, serviço do imperialismo.

Dia 28 de junho vimos um retrato do **Brasil maior**. Em ato solene, na presença das forças mais representativas da nacionalidade, o Presidente José Sarney, formalizou a convocação da Assembléia Constituinte, consagrando a conquista de uma reivindicação síntese da longa luta do povo contra o regime militar e cumprindo um dos compromissos da Aliança Democrática. Os comunistas, interpretando o sentimento da classe operária e do povo brasileiro em seu conjunto, consideram este fato como uma vitória de longo alcance, pois a convocação da Constituinte abre caminho à implantação do Estado de Direito e à consolidação de normas democráticas na vida jurídico-política do país.

SEGUIR ADIANTE

Urge agora dar o passo seguinte, iniciando a indispensável mobilização popular, garantia de que a Constituinte será verdadeiramente livre e soberana e de que a Carta a ser elaborada marcará um avanço na vida republicana brasileira.

Os corifeus do **Brasil menor**, inconformados com as conquistas democráticas, inventam pretextos os mais diversos pra limitar o alcance da campanha para a Constituinte. Uns vocife-

ram contra o ato convocatório, apegando-se a questões técnicas, preparando arapucas para quando da votação da matéria no Congresso. Outros, pescando nas águas turvas dos interesses particulares e caudilhescos, insistem em confundir, levantando propostas de eleições para a Constituinte ainda este ano e presidenciais em 86.

Os demagogos de todos os matizes tentam pôr um sinal de igualdade entre a Nova República e o velho regime, chegando mesmo a negar legitimidade ao mandato presidencial. Mesmo no seio da AD surgem resistências a oferecer suporte político ao governo, com frases sinuosas, reticentes, de efeito sonoro (mas sempre vazias), do tipo: "apoiamos o governo mas não somos governo".

A REAÇÃO SE ARTICULA

A dificuldade de coordenação das forças políticas para um apoio mais efetivo à Nova República, nestes primeiros meses de sua existência, significa de fato um jogo de pressões e contra-pressões no qual se movimentam as peças de poderosos interesses econômicos e sociais.

Seu pano de fundo é a crise estrutural em que está mergulhada a sociedade brasileira, em cuja base se encontra a dependência externa, o domínio da economia por grandes grupos econômico-financeiros e o monopólio sobre a propriedade da terra. Os credores do Brasil, capitaneados pelo FMI, fazem exigências descabidas e tentam impor suas receitas monetaristas. Seu referencial é a conta de mais de 11 bilhões de dólares que, segundo sua ótica, o Brasil deve pagar até o final do ano, mesmo à custa do aumento da miséria do povo e das dificuldades da nação.

Nesse sentido, sem querer admitir que os tempos são outros, pressionam o governo da Nova República a cortar na carne do povo. Pressionam no sentido de reduzir drasticamente os gastos do **setor público** englobando

os investimentos das estatais, os gastos da Previdência Social e os subsídios. Este recetário implica em mais recessão e desemprego, abrindo as portas para o definitivo sucateamento da indústria nacional. Quer ainda o FMI que se aumente a carga tributária, penalizando abusivamente os assalariados, os pequenos e médios empresários e os consumidores em geral. Enfim, os credores imperialistas querem que o povo pague a conta da crise.

NÃO AO ARROCHO

Não! É outro o compromisso da Nova República. Seu fundador, o presidente Tancredo Neves, foi taxativo em afirmar mais de uma vez que não pagaria a dívida com a fome e a miséria do povo. Até agora o presidente Sarney tem revelado disposição de prosseguir nesse rumo.

Na última entrevista coletiva aos correspondentes estrangeiros no Brasil ele foi eloquente a esse respeito: "A política deste governo quanto à dívida externa é voltada a não aceitar nenhuma submissão a qualquer organismo internacional que represente uma interferência na política que o governo deseja traçar no sentido da retomada do desenvolvimento econômico dentro do País". Disse também que "qualquer negociação em relação à dívida deve ter como parâmetros: 1º) não podemos assumir compromissos que o País não possa cumprir; 2º) não aceitaremos nenhuma cláusula que represente uma abdicação da soberania do Brasil..."

A grande maioria da nação está disposta a unir-se, nos marcos da Nova República para enfrentar a crise com decisão e coragem. Não negará seu apoio às medidas que o governo adotar em defesa de nossa independência. Ao mesmo tempo estará atenta para reagir às pressões de seus inimigos, para rejeitar pacotes escorchantes e antisociais impostos por forças alienígenas.

O povo não pode apertar o cinto. Que paguem a crise os que se cevaram durante 21 anos à custa do sacrifício da maioria dos brasileiros. Os comunistas entendem que o momento é de união e de luta. Cerrar fileiras em torno da consolidação das vitórias alcançadas e avançar no rumo das transformações progressistas que a nação reclama é o único caminho que a conduzirá a bater a reação e o imperialismo.

TSE habilita o PC do B para a próxima eleição

Grande vitória das forças democráticas! O PC do Brasil já tem vida legal!

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em reunião realizada no último dia 09 de julho, apreciando o pedido de registro da reorganização do Partido Comunista do Brasil, aprovou a habilitação para participar das eleições de 15 de novembro deste ano. Com este resultado, o nosso Partido ultrapassa importante etapa no processo de sua legalização, coroando a campa-

na democrática e popular de grande envergadura.

A medida equivale dizer ainda que podemos usar a sigla e os símbolos históricos do PC do B e nos iguala legalmente a todos os partidos já existentes. Agora, o Partido pode fazer coligações ou até lançar candidatos nas próximas eleições municipais, e utilizar os horários gratuitos de propaganda eleitoral. O próximo passo é a conquista definitiva da legenda.

ASSINE

Princípios

Revista teórica, política e de informação Abril/85 - Cr\$ 6.000

A ATUALIDADE
DA
ASSEMBLÉIA
CONSTITUINTE

AVANÇOS
DA
LUTA DA
MULHER



10

Leia no próximo número

* Artigo de João Amazonas sobre o 30º aniversário do 7º Congresso da Internacional Comunista.

* Artigo de Wladimir Lenin sobre Friedrich Engels, pela passagem dos 90 anos da morte do filósofo alemão.

* Perfil do negro brasileiro, pelo sociólogo e pesquisador Edison Carneiro.

* Artigo de Enver Hoxha sobre o papel do partido na construção do socialismo.

Assinatura anual:
Cr\$22.000 (preço válido até agosto)

Faça sua assinatura e ganhe um livro grátis

Pedidos para Editora Anita Garibaldi Ltda
Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 317 - conj. 43
São Paulo - Capital - CEP 01317
Tel: 34.0689
Cheque nominal - Vale Postal ou Reembolso Postal (pedidos acima de Cr\$ 20.000)

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Batalha que consolida a democracia

Está em curso uma batalha política de grande envergadura: a campanha para as eleições dos prefeitos das capitais e dos municípios antes considerados como de segurança nacional. Pela primeira vez, depois de mais de 20 anos, o povo vai poder decidir livremente sobre a escolha dos administradores das principais cidades brasileiras.

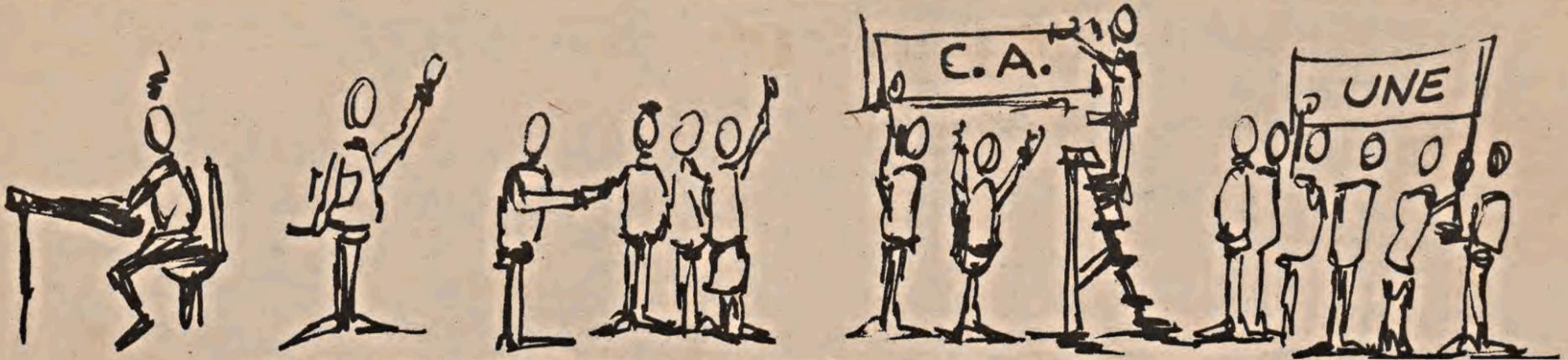
Primeiras eleições da Nova República, as municipais de 15 de Novembro próximo tendem a polarizar questões candentes da vida nacional. Embora seja forte o apelo municipalista, o que é justo, a tendência é que os debates pré-eleitorais se concentrem na continuidade da luta contra o entulho autoritário, no fortalecimento da mobilização popular rumo à Constituinte, na defesa da reforma agrária, na luta pela ampliação do direito de greve, na atitude energética e patriótica a adotar em face da dívida externa etc. De grande importância será o levantamento das reivindicações mais sentidas do povo, a discussão sobre os complexos problemas urbanos, a

moradia, a qualidade de vida nas cidades etc.

Nosso Partido irá às eleições com sua pregação democrática e unitária. Também nessa oportunidade somará ao lado das forças que querem o triunfo completo da liberdade política e da independência nacional.

Os comunistas apoiarão candidatos democráticos, progressistas, amplos e unitários. Coligar-se-ão com os postulantes às prefeituras que mereçam a confiança do povo. Outro critério que balizará o apoio dos comunistas será a posição em face da situação nacional em seu conjunto. Nosso Partido considera que as eleições municipais devem ser um momento especial de consolidação das forças que contribuíram para a derrota do regime dos generais e o surgimento da Nova República.

Todos os militantes do PC do B, onde quer que atuem, devem se inserir nessa batalha da campanha eleitoral é uma forma de contribuir para a consolidação política. Participar ativamente das vitórias democráticas em nosso país.



OS ESTUDANTES EM BUSCA DE IMPORTANTES MUDANÇAS

José Renato Rabelo

A luta dos estudantes universitários em nosso país sempre constituiu-se numa parte destacada do movimento popular nas cidades, combatendo por suas reivindicações próprias ou ao lado dos trabalhadores e das massas populares em prol dos anseios democráticos e de independência nacional. Essa luta tomou formas diferenciadas conforme a situação política e social, ou segundo a realidade da universidade em cada período.

Evolução do Movimento Estudantil

No período recente, o movimento estudantil universitário retoma sua maior atividade com a decadência do regime militar. É assim que o esgotamento do "modelo" imposto à Nação pelos militares favorece uma maior ampliação e crescimento do movimento popular. Nesta situação, o movimento estudantil age como um termômetro, indicando a elevação do nível de luta.

A UNE deixara de existir durante quase sete anos, demonstrando o nível da repressão e controle sobre as universidades. A partir de 1975 a luta pela democracia adquire maior impulso. O movimento estudantil vai-se reorganizando a partir das entidades de base. Posteriormente, os Encontros Nacionais de Estudantes (ENE) são organizados, rearticulando-se nacionalmente o movimento dos estudantes universitários. A ditadura tenta impedir essa retomada, mas os estudantes avançam. Realizam no início de 1979 o XXXI Congresso da UNE, quando então é reconstruída a entidade nacional.

A partir disto, o estudantado vai contribuir expressivamente na luta pelo fim do regime militar e na denúncia do modelo de ensino produzido pela ditadura, exigindo modificações urgentes das distorções mais gritantes.

Aspectos da Crise Universitária

O modelo capitalista dependente que os militares implantaram no país teve seu resultado no âmbito da Universidade. Esta foi alterada na sua estrutura e na sua própria finalidade. O governo estimulou a privatização do ensino de 3º grau. A rede particular de ensino chega hoje a deter 63% das matrículas nos cursos superiores, sendo que este índice atinge a níveis de 75% a 80% nos Estados de maior concentração de universitários. Inverteu-se o quadro anterior a 1964 onde o ensino público era preponderante (mais de 60%). O regime estabeleceu meios e criou incentivos para atrair capitais privados para o ensino superior, convertendo-o em verdadeiro meio de traficância.

A pesquisa científica e tecnológica na Universidade foi extremamente reduzida. Um chamado currículo mínimo estabelecido exclusivamente pelos doutores do Conselho Federal de Educação exprime seu divórcio com a realidade nacional e se destina a formar profissionais para uma sociedade de economia complementar, dependente. A qualidade do ensino atingiu nível muito baixo. As Universidades públicas carecem de verbas para sua própria manutenção.

Na rede particular de ensino as anuidades tiveram um aumento acumulado de 7.985% nestes últimos cinco anos, motivando uma evasão escolar de mais de 25%. Enfim, chegamos a uma situação onde, dos um milhão e 200 mil universitários, mais de 60% estão em estabelecimentos privados, isolados, caros e de baixa qualidade de ensino. Uma universidade sem autonomia, anti-democrática e desligada dos verdadeiros anseios nacionais.

Particularidades do Movimento Estudantil

O movimento estudantil atual reflete esta nova realidade objetiva e não pode ser o mesmo que em períodos anteriores. Esse movimento avançou após a reconstrução da UNE, chegando à existência atual de 1.600 Diretórios Acadêmicos, 87 DCEs (Diretórios Centrais de Estudantes) e 11 UEEs (União Estaduais de Estudantes); foram realizados 6 Congressos da UNE com participação crescente de delegados.

Neste período, os estudantes deram importantes passos na luta em defesa do ensino público e gratuito, avançaram na conquista de sua reivindicação de 12% do orçamento da União para o ministério de Educação e Cultura, através da aprovação da Emenda Constitucional do Senador João Calmon. Conseguiram importantes vitórias na luta pela democratização da Universidade. A UNE conseguiu êxitos no seu processo de legalização, apesar de todo tipo de impedimento provocado pelo regime militar. A atividade dos estudantes universitários foi marcada por inúmeras greves regionais e gerais, dias de luta, seminários, encontros, festivais etc.

Entretanto, refletindo a realidade de hoje, o movimento estudantil deste período é marcado por debilidades importantes: ele tem fraca consciência universitária, resultante do debilitamento da universidade pública e a multiplicação das escolas particulares e isoladas; devido à variedade de situações - universidades públicas, autárquicas ou fundações, universidades particulares e escolas particulares isoladas - tornou-se difícil a unificação nacional dos estudantes em torno dos seus problemas específicos.

Além disso, desvios importantes foram manifestando-se no atual movimento estudantil. Proliferaram no seu interior inúmeras tendências e sub-tendências políticas que atuam no sentido da dispersão do movimento de massas, transformando as entidades estudantis em apêndices de correntes políticas, desvinculando-as do conjunto da massa; crescente subestimação do papel e do trabalho nas entidades, de base e nos Conselhos de Representantes de Curso; abandono do trabalho cultural e esportivo entre as massas estudantis; dificuldade em combinar a luta especificamente estudantil com a luta geral do povo; utilização viciada da greve como forma mais avançada de luta entre os estudantes e não a mobilização das manifestações de rua, dos comícios públicos e das passeatas.

Nova Fase de Luta

O mais importante é perceber que o movimento estudantil está diante de uma nova realidade política nacional, de avanço democrático. O movimento estudantil universitário como expressão de importante segmento dentro da nossa sociedade é força importante dessa tendência pelas mudanças.

Por isso, as lideranças estudantis e todos aqueles que atuam nos diferentes níveis na universidade encontram-se diante de certa expectativa, buscando novas definições para sua atuação. Como responder a esta expectativa? É preciso compreender que o movimento de resistência que se exprimiu entre os estudantes nas condições do regime militar, conquistando inclusive alguns triunfos parciais, pode se transformar agora em vasto movimento por mudanças da universidade, por sua reforma. Este movimento pode retomar num nível mais alto as campanhas de 1961, por uma universidade democrática e progressista.

Atualmente é generalizada a aspiração à reforma da universidade. A resistência dos setores mais reacionários das classes dominantes é grande, não devemos subestimá-los. Deste modo, é preciso mobilizar amplamente os estudantes e toda a comunidade universitária, todos os setores democráticos, na luta por uma universidade progressista, pública e gratuita, moderna e voltada para contribuir na resolução de importantes problemas nacionais.

Atividades como o IV Seminário Nacional de Reforma Universitária em São Paulo, seminários regionais, simpósios sobre as questões da universidade, são importantes pontos de partida.

Mas, para tornar objetiva a luta pela reforma universitária, transformando-a numa bandeira de ampla ação de massas, é preciso exprimir as reivindicações mais candentes, por meio das quais possamos avançar no rumo das modificações mais importantes da universidade. Essas reivindicações se traduzem no fortalecimento e expansão da rede pública de ensino - aplicação da Emenda Calmon, aumento de vagas, instalação dos cursos noturnos; controle e fiscalização da rede de ensino particular - diminuição das anuidades, elevação do nível de ensino; democratização da universidade - eleições diretas para reitores no nível da uni-

versidade, participação estudantil no Conselho Federal de Educação e Conselhos Universitários.

Corrigir os erros para ampliar

No curso da luta para atingir esses objetivos torna-se premente enfrentarmos três questões fundamentais que o movimento estudantil herdou do período recente.

Primeiro, é preciso fortalecer as entidades de massa dos estudantes, ampliar sua democracia e sobretudo reorganizar a função e atividade das entidades de base, tornando-as expressão dos anseios de toda a massa da escola. Dinamizar e criar novos instrumentos de ligação com as massas, com os Conselhos de Representantes de Curso, jornais, debates sobre as grandes questões do ensino e as grandes bandeiras nacionais; estimular e realizar as promoções culturais e esportivas. Dar atenção aos problemas estudantis como currículos escolares, nível de ensino, assistência social ao estudante e condições atuais da profissão. Daí a importância que devemos dar na preparação e participação nos Encontros de Áreas, os quais mobilizam ampla massa estudantil para discutir seus problemas específicos. Atuar dentro das salas de aula e fortalecer o ambiente universitário.

Segundo, é necessário combinar os embates cotidianos dos estudantes e a campanha da Reforma Universitária com os objetivos atuais de todo o povo visando a consolidação democrática, a luta pela soberania nacional e a participação no movimento por uma Constituinte livre e soberana.

Terceiro, torna-se imperativo para as conquistas estudantis e populares a unidade do movimento de massas. É preciso impedir a dispersão e a fragmentação do movimento estudantil. Os comunistas têm sido uma peça decisiva no fortalecimento da unidade entre os estudantes, principalmente neste último período. Devemos aprimorar esse papel, realizar uma política ampla e flexível, contra qualquer tipo de exclusivismo. Contribuir para a união de todas as forças democráticas e progressistas que atuam entre os universitários, ganhar as forças independentes ou atrasadas e isolar e combater os setores divisionistas, provocadores e de direita.



Reforma Agrária interessa a todo o povo

Ronald Freitas

A divulgação do I Plano Nacional de Reforma Agrária - PNRA, pelo governo da Nova República provocou a mais violenta reação do latifúndio que, como faz há décadas, não admite abrir a menor brecha no seu controle monopolista da posse da terra, mesmo à custa de uma crise agrária sem precedentes, da miséria de milhões de famílias camponesas e de trabalhadores em geral, e da produção estacionária de grãos.



Embora com alcance limitado - restrito à aplicação do Estatuto da Terra - o projeto de reforma agrária deverá contar com um amplo apoio social, intensa mobilização de massas numa campanha nacional, com a participação de todos os setores políticos que almejam as mudanças. Caso contrário não se efetivará.

Ampliar o apoio

Os primeiros passos para que a campanha se alastre por todo o país estão sendo dados. A Assembléia Legislativa de Goiás promoveu no dia 17 de junho passado, uma sessão especial para discutir a situação do bóia-fria, que se transformou num ato em defesa da reforma agrária. Logo em seguida, no dia 22, foi lançado o Comitê pela Reforma Agrária em Goiânia.

Em São Paulo, a Câmara Municipal promoveu um ato público no dia 28 de junho em favor da reforma agrária, com a presença de representantes do Governo do Estado, da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), do presidente da ABRA (Associação Brasileira de Reforma Agrária), do presidente do INCRA, da Fetaesp (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Est. São Paulo), representantes do sindicalismo urbano, entidades populares e democráticas e delegações de mais ou menos 40 sindicatos rurais do Estado, além de representantes dos partidos políticos. O PC do B se fez presente.

O apoio ao projeto é essencial para que haja a contrapartida à investida reacionária e retrógrada do latifúndio com ampla divulgação na imprensa conservadora do país.

Falsas alegações

A campanha reacionária está calcada nas alegações de que a nossa estrutura fundiária está bem, e de que se necessita hoje

apenas de uma política agrícola. Ainda há previsões de que se o projeto de reforma agrária for implementado haverá crise no campo, desemprego e diminuição da produção agrícola. Nada mais falso.

A crise agrária é um dos pontos fundamentais de estrangulamento do progresso da sociedade brasileira. A excessiva concentração fundiária, a baixa produtividade da terra, a legião de camponeses sem terra (a Contag calcula que são 10,5 milhões de trabalhadores) ou com pouca terra e que nela querem trabalhar, são os elementos constitutivos fundamentais dessa crise.

Ela se arrasta há várias décadas e, apesar das saídas tentadas, ao invés de se resolver o grave problema da nossa agropecuária, houve um enorme agravamento.

A aplicação do modelo econômico da ditadura militar ao campo trouxe consequências desastrosas: a concentração fundiária aumentou escandalosamente - hoje, apenas 342 latifundiários detêm 47,5 milhões de hectares, enquanto 2,5 milhões de pequenos proprietários possuem cerca de 45 milhões de hectares, numa desproporção alarmante.

Crise se estende

Além disso, o êxodo rural acelerou-se violentamente inchando as cidades e transferindo parte da miséria do campo para a periferia dos grandes centros. Ao mesmo tempo, surge em larga escala o assalariado agrícola volante - o bóia-fria - oferecendo um quadro da extrema exploração reinante no meio rural, com salários abaixo do mínimo, sem registro em carteira, sem férias, sem descanso remunerado, sem assistência, enfim, sem acesso às garantias trabalhistas que os trabalhadores urbanos conseguiram há tempos.

São estes alguns elementos que comprovam a gravidade da crise no campo brasileiro.

Simultaneamente, a resistência e a luta do campesinato e dos assalariados agrícolas têm colocado em tensão as forças sociais no campo. Elas exigem mudanças, seja para melhorar as condições de vida e trabalho dos camponeses e assalariados rurais, seja para propiciar o desenvolvimento econômico do campo brasileiro, fazendo-o produzir de acordo com os interesses de nosso mercado interno e do abastecimento de nossa população, com alimentação farta e a preços acessíveis.

Não há dúvida de que a solução dessa crise exige a realização de uma reforma agrária, que permita o livre acesso do homem à terra para nela trabalhar, que dê garantia de trabalho e remuneração justa aos assalariados agrícolas, que inicie uma nova etapa no desenvolvimento econômico brasileiro.

Pelo fim do latifúndio

O problema central da crise agrária brasileira tem que ser atacado, e ele é a posse monopolista da terra pelo latifúndio. Hoje estão nas mãos dos latifundiários cerca de 400 milhões de hectares improdutivos, terras que liberadas do controle monopolista e postas a serviço dos camponeses sem terra, de imediato não só tornariam produtivas milhares de famílias camponesas, como, obviamente, aumentariam a oferta de produtos agrícolas no mercado.

A reforma, para funcionar, terá que contar com uma política agrícola eficaz e dinâmica, com crédito barato e desburocratizado, preços mínimos justos, malha rodoviária capaz de escoar a produção existente em tempo oportuno, redes de silos e armazéns para estocagem da produção, evitando o desperdício e a manipulação artificial de preços no mercado etc.

Está claro que com a manutenção do atual nível de concentração da terra como temos hoje, essa estrutura iria beneficiar única e exclusivamente um pequeno punhado de grandes latifundiários sem qualquer efeito sobre os atuais problemas que o país enfrenta a nível do mercado interno. Um exemplo disso já foi dado em anos recentes. Estatísticas oficiais mostram que o crédito agrícola beneficiou os grandes fazendeiros de forma crescente, sendo que, em 1976, eles detinham 53% do crédito. O mesmo ocorreu com a prestação da assistência técnica que, também segundo dados oficiais, privilegiou os grandes fazendeiros (*).

Reforma é capitalista

O PNRA do governo da Nova República procura ser uma resposta à crise e é também um ato concreto de cumprimento das promessas feitas pela Aliança Democrática no ano passado.

Seu alcance, porém, é limitado, já que se restringe à aplicação do Estatuto da Terra - lei existente há 21 anos. É portanto, uma reforma agrária que procura fortalecer e não enfraquecer o capitalismo, como dizem as próprias autoridades federais.

Por que, então, tanta reação?

Apesar das limitações, a aplicação concreta do I PNRA vai atender os anseios de melhorias dos camponeses e assalariados agrícolas que desejam a realização concreta da reforma agrária. A aplicação do plano será, sem dúvida, um fator extremamente mobilizador, na luta pela terra no Brasil, colocando em xeque o poder monopolista do latifúndio.

Se considerarmos que as desapropriações serão pagas em títulos da dívida agrária, com correção monetária e juros de mercado, podemos afirmar que, a realização desta reforma agrária

ria tímida e, porque não dizer, insuficiente, trará, em certo sentido, vantagem a alguns setores de proprietários rurais numa tendência distributivista.

Apoio dos Comunistas

O apoio dos comunistas a esse projeto de reforma agrária tem um caráter político, na medida em que a reação brutal do latifúndio e dos setores conservadores da sociedade brasileira mostra que, mesmo um projeto de alcance limitado exige para sua realização um amplo apoio social, intensa mobilização e participação de todos os setores políticos interessados nas transformações democráticas no nosso país.

Os comunistas compreendem que a luta pela aplicação do PNRA exigirá uma movimentação de massa de ampla envergadura que extrapolará o movimento camponês, exigindo a participação ativa do proletariado urbano, dos setores democráticos da sociedade brasileira, de todos os segmentos que querem mudanças e avanços na nossa sociedade.

Uma ampla campanha de massas que sirva de apoio e estímulo à execução desse plano tem todo o apoio dos comunistas, que concordam em desencadeá-la em conjunto com esses setores sociais.

A sugestão feita no ato público realizado na Câmara Municipal de São Paulo pelo representante da CNBB, de realização de um grande comício em São Paulo, na praça da Sé, em apoio à reforma agrária, é das mais importantes. Iniciativas como esta devem se espalhar por todo o país.

Realizar uma reforma agrária é livrar o país das peias do atraso, é permitir que se avance no sentido do progresso econômico e da democracia política.

(*) Para maiores informações, ver revista "Princípios" nº 6 e 7 - "Penetração do Capitalismo no Campo Brasileiro".

Faça JÁ sua assinatura da PRINCÍPIOS



Cr\$ 22.000

Nome _____
 Profissão _____
 Endereço _____
 Cidade _____ Estado _____ CEP _____ FONE: _____
 Data ____/____/____

Quero receber uma assinatura da PRINCÍPIOS, com direito a 4 números. Para isso envio cheque nominal / vale postal em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda.

Av. Brigadeiro Luis Antônio, 317, s/43, CEP 01317

São Paulo, SP.

Sindicalistas opinam sobre nova lei A greve é um direito de que os trabalhadores não abrem mão

Eustáquio Vital

Operário metalúrgico - secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e presidente do Centro de Estudos Sindicais - CES de São Paulo.

Nova lei ainda é conservadora

A greve tinha que ser um direito líquido e certo do trabalhador, garantido pela Constituição. Mas nós temos um patronato que prima por um reacionarismo tremendo, não admitindo a possibilidade da greve, como se ela não fizesse parte do próprio sistema capitalista.

O ministro Pazzianoto apresentou um anteprojeto que, embora avance em alguns pontos, não garante o pleno direito de greve, e é conservador.

Examinando o artigo que trata do quórum nas assembleias, vemos que é um atraso, humanamente impossível de ser atingido, principalmente no caso dos metalúrgicos. Depois vem a burocracia e outros dispositivos que criam dificuldades para o exercício do direito de greve.

A proibição da greve para as categorias de trabalhadores em serviços essenciais mostra bem que o espaço de liberdade alcançado ainda está aquém do que precisamos.

A organização dos operários já passou por cima de uma lei de greve como a que está proposta, mas acho que só teremos o direito de greve assegurado na sua pleni-

tude se conseguirmos uma Constituinte livre e soberana, com o movimento sindical jogando um papel nesse sentido.

Uma das grandes falhas do anteprojeto é estabelecer que fica assegurado o retorno ao trabalho, sem tratar em nenhum momento da maneira como se dá o contrato de trabalho. Temos uma relação trabalhista individual e com isso o poder de barganha do patronato é muito maior que o do trabalhador.

Então, não há garantia para quem faz greve, primeiro porque o trabalho não é encarado como função social, e segundo porque é uma relação individual. Por um motivo qualquer se demite uma liderança.

A questão do contrato de trabalho tinha que ser discutida.

A liberdade sindical no país tem que ser conquistada porque ela não existe. Para que tenhamos influência naquilo que nos interessa, precisamos de um sindicalismo enraizado nas empresas.



Oswaldo de Oliveira Ribeiro

Aeroviário, presidente do Sindicato dos Aeroviários do Estado de São Paulo e diretor do Centro de Estudos Sindicais

Nós testamos a Nova República

Nós fomos os primeiros a testar a lei 1632 e a lei de greve sobre as categorias de trabalhadores em serviços essenciais, e pudemos sentir o sabor da Nova República. Vimos elementos exigindo a nossa prisão, a nossa cassação, e coisas do gênero, com a pressão de outros ministros. O ministro Pazzianoto resistiu e saímos do nosso movimento ilesos. Hoje o ministro pode saber que nós estávamos fazendo um teste.

Entendo que o anteprojeto é como o engatinhar de uma criança, não podemos cobrar atitudes de adolescente. E sabendo ainda que o ministério é de composição.

Apesar de considerar um avanço, vejo a proposta eivada de vícios, como no caso das restrições ao direito de greve, da convocação de assembleias, do dissídio.

A questão da negociação é muito importante. Deve-se ir à exaustão. Mas se não houver liberdade de negociação, e o processo for mandado em curtíssimo prazo para a Justiça, é uma pressão desleal.

Cabe aos trabalhadores se organizarem e realmente reivindicarem o seu direito de



greve. Nada se consegue a não ser através da luta. Nós aeroviários, fomos à luta. Que as outras categorias façam o mesmo.

Cláudio Spicciati Barbosa

Presidente do Sindicato dos Metroviários de São Paulo

Sabemos ser responsáveis

O trabalhador sabe usar com responsabilidade esse instrumento que é a greve. No caso do Metrô, sabemos quais são as conseqüências, e antes de se recorrer à paralisação utilizamos diversas formas de protesto alternativo.

Considero a greve um direito inalienável do trabalhador, sem distinção do tipo de serviço. A proibição que recai sobre os trabalhadores em serviços essenciais nasceu dentro do regime militar e hoje o que se está discutindo não é a eliminação da restrição, mas a modificação, o que demonstra uma atitude muito tímida.

A nova lei já nasceu ultrapassada. Ela não corresponde às nossas expectativas porque para competir com a máquina

que está aí precisaríamos de um grau muito elevado de organização. E só constatar que o Poder Legislativo tem um ou outro deputado federal que nasceu no seio das classes trabalhadoras.

Se pelos meios convencionais é difícil, as leis vão se modificando através da pressão, na prática. A questão dos serviços essenciais vai sendo quebrada, as leis vão se tornando obsoletas e as mudanças vêm.

A organização para uma greve é da responsabilidade e competência da categoria. Ela acaba saindo de acordo com a disposição da categoria. Quando a categoria entra em greve ela tem que ter o essencial: a consciência.



Uma grande obra por Cr\$ 8.000

STÁLIN

PROBLEMAS ECONÔMICOS DO SOCIALISMO NA U.R.S.S.



Pedidos para Editora Anita Garibaldi Ltda
Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 317 - conj. 43
São Paulo - Capital - CEP 01317
Tel: 34.0689
Cheque nominal - Vale Postal ou Reembolso Postal (pedidos acima de Cr\$ 20.000)

Ederaldo José Rímoli de Oliveira

Bancário, diretor do Sindicato dos Bancários de São Paulo

Não deveria haver lei sobre greve

A lei do ministro Pazzianoto é ruim para os bancários. Limita o direito de greve impedindo que ela ocorra no setor de compensação, e se a greve não sai aí, não se pára um banco.

O artigo que trata da convocação da categoria para deliberar sobre a greve é inviável. Somos 150 mil bancários e não vejo como convocar 2/3 na primeira ou 1/8, que seja, na segunda.

Acho que o grande objetivo de todos os trabalhadores é a não existência de uma lei de greve, consagrando-se a autonomia completa. É o que buscamos.

A mobilização dos bancários vem se fortalecendo. Vemos, por outro lado, que a rotatividade de mão-de-obra tem índi-

ces assustadores. Circulam pelo Sindicato, por semana, mais ou menos 150 bancários demitidos. Com a movimentação pelo trimestral muitos foram mandados embora simplesmente por usarem o broche da campanha. Isso sem falar que na grande maioria das empresas houve pressão direta para que os bancários não usassem os broches simbolizando a reivindicação pelo trimestral.

E essas demissões atingem o Sindicato, tanto que toda a semana, praticamente, tem-se que fazer um curso de organização sindical para os bancários a fim de se estreitar os vínculos entre o Sindicato e os associados.

Sindicalistas opinam sobre nova lei de greve (Continuação)

Nilton Otaviano dos Santos

Operário, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Fiação e Tecelagem do Estado de São Paulo e diretor do CES de São Paulo.

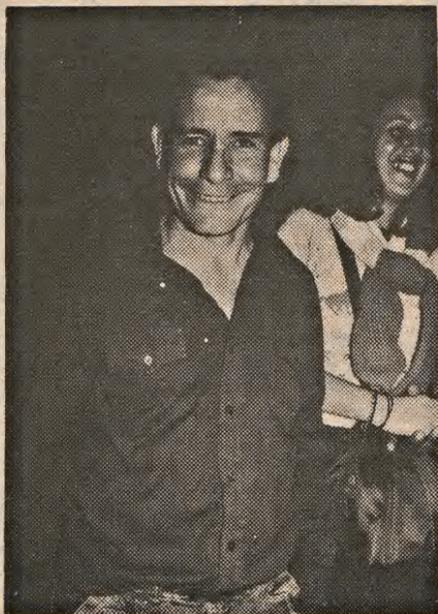
Apesar de tudo um avanço

Essa nova lei veio de cima para baixo quando deveria ter sido aberto um debate. Mas é um início de diálogo, antes não havia nem isso.

Na prática, o que pesa mesmo é o trabalhador estar mobilizado. Ninguém faz greve por fazer, só quando vê que não tem mais nada para se apegar.

A proibição aos que trabalham em serviços essenciais é errada, pois a greve é um direito de todos. Também sobre a convocação da categoria, o que se propõe está fora da realidade, mesmo que a categoria seja pequena.

Nós temos nossa categoria mobilizada, não inteiramente, que é difícil, mas a maioria, e temos conseguido bons acordos. Já estamos entrando na campanha salarial (é em novembro) porque achamos que a negociação será dura, achamos que alguma coisa que conseguimos - trimestralidade, aumento real - pode estar ameaçada.



Vemos que a lei de greve ainda protege o capital. É uma forma para pôr panos quentes.

Roberto Horiguti

Camponês, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado de São Paulo.

Os camponeses discutem a lei

No 4º Congresso da Contag houve a rejeição pura e simples do anteprojeto do ministro, e a proposta de discussão com a classe operária do país de um novo direito de greve.

O projeto não avança. Estamos lutando na Nova República para que todos os segmentos da sociedade tenham melhores dias e a greve seja um direito sagrado de todos, do qual não podemos abrir mão de maneira nenhuma.

Devíamos ter a mais plena liberdade para nos organizarmos e termos o direito de greve. Se os patrões não fizessem uma proposta condizente os trabalhadores organizados é que decidiriam o que fazer. Governo nenhum tem o direito de mandar os PM's para reprimir os trabalhadores desde que seja respeitado o patrimônio. E os trabalhadores organizados, depois de deliberarem uma greve, são os principais defensores desse patrimônio.

A lei está superada, é estreita e não



atende ainda os interesses dos trabalhadores. Nenhum companheiro quer fazer uma greve por fazer, para não trabalhar. Quando organizam os piquetes fazem isso porque é a extensão da deliberação da própria greve, importantes para o relacionamento com o público. Agora, proibir isso como se fosse crime, não dá para admitir.

Cícero Gomes de Lima

Motorista, ativista do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos de São Paulo

Setor essencial quer liberdade

Para a categoria, não houve mudança. Continuamos enquadrados nas restrições para os trabalhadores em serviços essenciais.

Seria importante fazer uma reestruturação da lei como um todo, melhorando de fato, onde houvesse a negociação direta, e liberdade real para exercer o direito de greve.

Do jeito que está, com as proibições aos trabalhadores em serviços essenciais, não dá! É essencial na hora de bancar a mão-de-obra. E na hora

de receber o salário para sobreviver não é essencial? Como um motorista pode ficar com um salário de fome?

É por isso que a greve acontece, e nós não vamos parar para ver se existem restrições para uns e não existem para outros. Os trabalhadores são os mesmos, com a mesma situação grave. Há muito tempo aprendemos que nossos direitos são conquistados só com luta firme e decidida.

Enéas Silva Santos

Metalúrgico, liderança sindical dos metalúrgicos de Taubaté e Pindamonhangaba membro da Chapa 2, de oposição.

Defendendo o fim das restrições

Defendo o fim da lei de greve. A fórmula correta é a não existência de restrições a esse direito.

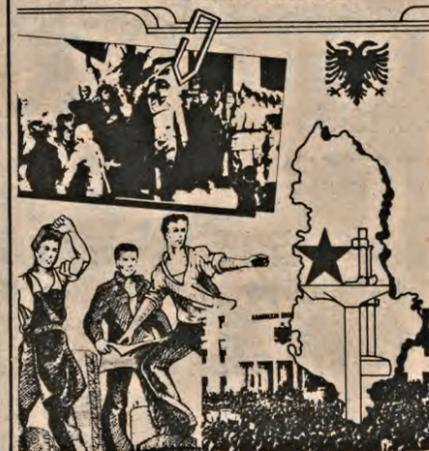
A nova lei apresentada pelo ministro é um passo importante porque dá um pouco mais de liberdade, mas continuamos sufocados. O governo não cassa o dirigente sindical, mas os patrões recorrem a outras formas, mandando embora esse dirigente, ou mesmo a comissão de fábrica, o cipeiro e assim por diante.

Veja que depois da greve dos metalúrgicos de Taubaté, os patrões distribuíram panfletos incentivando os empregados das fábricas para que saíssem do sindicato!

**Texto de
Ramiz Alia
e O último
discurso de
Enver Hoxha
Apenas Cr\$ 5.000**

ALBÂNIA

40 ANOS
DESBRAVANDO A HISTÓRIA



Pedidos para Editora Anita
Garibaldi Ltda
Av. Brigadeiro Luiz Antônio,
317 - conj. 43
São Paulo - Capital
CEP 01317
Tel: 34.0689

Cheque nominal - Vale Postal
ou Reembolso Postal (pedidos
acima de Cr\$ 20.000)



**OUÇAM RÁDIO TIRANA,
A VOZ DA
REPÚBLICA POPULAR
SOCIALISTA DA ALBÂNIA**



Programação diária para o Brasil: 7 horas da manhã em ondas curtas de 25 e 31 metros. Às 20 e 22 horas em ondas curtas de 31 e 42 metros. Emissões de uma hora de duração.

A CLASSE OPERÁRIA*

Nossa estrela guia

Conclusão do número anterior

Nos dez anos de ditadura getuliana ou nestes onze anos de tirania militar fascista, quantos de nós, tendo nas mãos o exemplar de nossa querida "CO", após terminar de ler e reler, já nos aproximamos, em passos lentos, vezes e vezes, da chama de um candeeiro ou de um fogão e o queimamos sem vacilar, desfazendo-nos inclusive de suas cinzas? Com o coração apertado e um nó na garganta, lágrimas nos olhos, é verdade; mas, é verdade também, com suas palavras orientadoras guardadas fundo para nos guiarem nas dificuldades e para sabermos vencer a outros camaradas ou amigos de sua justiça, além de ficarmos com a consciência tranqüila de que, assim, estávamos observando disciplinarmente, as regras de vigilância revolucionária, resultantes de uma vivida e dura experiência, que visam dar continuidade à nossa luta, mesmo nas condições da mais rigorosa clandestinidade, devido à repressão militar fascista.

Ao render justas homenagens aos redatores, colaboradores, correspondentes, impressores, empacotadores e distribuidores de "A CLASSE OPERÁRIA", nas comemorações de seus 50 anos de lutas, frisemos: em geral são camaradas que se destacam como comunistas exemplares, embora nem sempre ocupem postos dirigentes e em sua maioria sejam modestos militantes.

Ao viverem na clandestinidade, num trabalho permanentemente anônimo, os camaradas redatores, impressores e distribuidores da "CO" geralmente são obrigados a ter várias identidades e a usar mil nomes diferentes. De alguns, conhecemos seus verdadeiros nomes; de outros, nem mesmo sabemos como se chamavam. De muitos, guardamos apenas, carinhosamente, um ou outro "nome de guerra", como dizemos em nossa linguagem partidária. O essencial, porém, conservamos com o zelo do que está inscrito definitivamente

nas gloriosas tradições de "A CLASSE OPERÁRIA" e deve ser transmitido vivamente de geração a geração: seu trabalho sempre abnegado, suas vidas cheias de dedicação, sem nunca terem dito um "NÃO" diante de qualquer tarefa partidária e a executando com entusiasmo.

Com profundo respeito, é nosso dever lembrar sempre estes camaradas: os que pela "A CLASSE OPERÁRIA" foram perseguidos e nunca a entregaram; ou presos e torturados e nunca falaram; ou passaram anos a fio nos cárceres da repressão ditatorial e sempre mantiveram alta a chama de sua dignidade de comunistas que não se vergam. E destaques especialmente os nomes dos que foram friamente assassinados por beaguins policiais e militares ao resistirem bravamente à prisão, ou ao enfrentarem as mais bárbaras torturas, com a coragem tranqüila e confiante de verdadeiros comunistas, souberam sustentar como o herói da fábula: "MEU NOME É NINGUÉM". Quando o dever e a honra de um comunista se manifestam naturalmente, como hábitos diuturnos, adquirem uma estrutura de mandamento e passam a ser exemplos que ficam para sempre, sem a marca do tempo.

Com a força de nossos sentimentos proletário-revolucionários, evoquemos, pois, a memória de todos os valentes camaradas que deram o melhor de si mesmos pela "A CLASSE OPERÁRIA" com amor e paixão verdadeiramente emocionantes, pois a honrosa tarefa de porta-estandartes da "CO" passou a ser vida de suas vidas. Sempre incansáveis e infundindo confiança, nunca tomando conhecimento da existência de dificuldades, sacrifícios ou riscos nem pensando em quaisquer comodidades, jamais se preocupando consigo mesmos, eis a constante de suas vidas de militantes comunistas. São modelos, portanto, a seguir, por-

que encarnação viva da grandeza silenciosa e edificante do heroísmo proletário.

Apresentemos armas e digamos "PRESENTE" ao bravo Cabo Jofre. Pertencente à Aeronáutica, foi combatente intrépido da insurreição popular de novembro de 1935. Após a derrota da insurreição, conseguiu escapar do cerco e perseguição das tropas getulianas, passando às atividades partidárias clandestinas. Destacado para responsável pela impressão da "CO", vivia onde funcionava a gráfica do Partido: uma casa humilde de um subúrbio carioca, sem qualquer espécie de comodidade. Uma noite viu a casa cercada pela polícia gastepeana de Felinto Müller, nos dias negros da ditadura getuliana. Não se intimidou: minou a base da máquina impressora da "CO" e o quarto onde estava camuflada, acendeu a mecha, pulou a única janela existente na pequena casa, troteou sem cessar, com vistas a romper o cerco policial, tombando, entretanto, sem vida após uma rajada de metralhadoras pelas costas, certamente sorrindo por ainda ter ouvido a forte explosão havida concomitantemente. Nada sobrou da pequena casa suburbana, nem da máquina impressora da "CO", nem da tipagem, nem dos papéis ali existentes. Nada caiu nas garras dos cães policiais, ávidos por documentos secretos do Partido, mas impotentes diante da bravura exemplar do inesquecível Cabo Jofre. Sem se ter rendido jamais às forças inimigas, o nome do Cabo Jofre ficou vivamente gravado para sempre na história gloriosa de nosso Partido, seu sangue generoso como semente, sua vida de bravo como modelo.

Com particular carinho, recordemos os modestos militantes comunistas como Erasmo, operário gráfico baiano, dedicação comovente e a toda prova, zeloso no cumprimento de suas

tarefas partidárias, revolucionário profissional infatigável. Primeiro, em Salvador, na Bahia, compo e imprimindo sempre a "CO" numa velha máquina "Minerva" manual e com tipagem de madeira, mesclada com alguns tipos de chumbo conseguidos pela abnegação de alguns militantes gráficos. Viviu sempre em pequenos barracos dos subúrbios mais pobres de Salvador, dormindo em cima de jornais velhos e quase abraçado na "minerva", que amava de todo coração e cuidava com carinho, conseguindo inclusive torná-la silenciosa, a fim de que não se ouvisse o menor ruído nas caladas da noite. Solteiro, dizia sorrindo, num falar baixo e manso, como comento simplicidade proletária: "Minha companheira inseparável é a velha Minerva". Depois, no Rio, atendendo à convocação do Secretariado do Comitê Central para continuar compo e imprimindo a "CO" noutra "Minerva" manual, num barraco de um subúrbio carioca. Preso o Secretariado do Comitê Central em março e abril de 1940 pela Gestapo getuliana, não caiu a gráfica da "CO" nem caiu Erasmo. Perdendo os vínculos com a direção central e mesmo com o Partido, não tendo dinheiro para ir a Salvador nem sabendo como comunicar com seus velhos conhecidos do Comitê Regional da Bahia, Erasmo foi trabalhar numa gráfica carioca, de máquinas manuais, pois só com estas era inigualável tipógrafo. Seu contato com o Comitê Central só pôde ser restabelecido após abril de 1945, com a legalidade do Partido, através de camaradas que o conheciam e em quem confiava. O mesmo de sempre: antes de tudo quis informar o que havia acontecido, o que tinha feito e entregar a tipografia do Comitê Central, conservada com desvelo por cinco anos. Alegre pela publicação da "CO" como semanário, impressa em rotativa, com matérias



Diógenes de Arruda Câmara**

cuidadosamente elaboradas e com inovações gráficas que surpreenderam a imprensa da época, Erasmo dizia sereno: "Está muito diferente e muito melhor, mas bonita mesmo era a "CO" impressa na velha Minerva manual". Assim era Erasmo: militante comunista de modelar modéstia e de abnegação sem alardes, compo e imprimindo a "CO" sozinho e em silêncio, levando-a pontualmente em pequenos pacotes camuflados ao contato oficialmente determinado pelo responsável do Comitê Central pela imprensa partidária. Sem nunca pensar em si mesmo, cuidava de tudo que era do Partido com zelo proletário. Estava realizado e feliz sendo gráfico da "CO", vivendo anônimo na grandeza silenciosa e solitária da rigorosa clandestinidade a que são obrigados a viver os gráficos das tipografias do Partido.

Com os punhos cerrados e em silêncio, pronunciamos o nome do camarada Carlos Danielli, nosso querido Carlinhos. Filho de operários, nasceu a 14 de setembro de 1929. Operário naval, foi comunista aos 15 anos, membro do Comitê Central do Partido ainda muito jovem e da Comissão Executiva desde 1962. Assassinado aos 43 anos, no dia 31 de dezembro de 1972, nas câmaras de torturas do

60 ANOS

Continuando com as comemorações do 60º aniversário de A Classe Operária, publicamos artigo escrito por Diógenes Arruda Câmara, em 1975, durante as comemorações dos 50 anos do nosso jornal.

seu desespero, o triturou vivo, sem nada conseguir, Danielli cumpriu dignamente seu dever de comunista e morreu de pé, tendo talvez nos lábios o sorriso dos fortes e imbatíveis, vencedor que foi de seus torturadores e assassinos. Conduzida que é a imagem mesma do valor do comunista, a expressão viva das virtudes do revolucionário proletário e o modelo do que deve ser todo militante do Partido Comunista do Brasil, vida de dedicação e fidelidade sem limites e a toda a prova ao Partido, morte gloriosa, eis o legado e o mandato do camarada Carlos Danielli, que devemos ter sempre presente. Nas paredes da solidária de onde saiu para a morte, Danielli deixou escrito com seu próprio sangue: "Este sangue será vingado". Sim, cobrar esta dívida é missão sagrada; e não está longe o dia em que será cumprida.

Carlos Danielli, Cabo Jofre, Erasmo, três vidas diferentes, três exemplos edificantes de militantes do Partido Comunista do Brasil que não se apagarão jamais em nosso espírito de comunistas e que viverão para sempre no coração generoso dos operários e camponeses brasileiros. Seus nomes estão na galeria dos heróis de nosso povo, junto aos de muitos outros comunistas e revolucionários consequentes. Comunistas de verdade, deram suas vidas por inteiro à causa invencível de nosso Partido e à luta libertadora de nosso povo. Suas vidas exemplares devem ser fontes de inspiração constante a nos incitar a ser sempre fiéis aos nobres e belos ideais comunistas pelos quais lutaram e se sacrificaram, a defender intransigentemente as tradições heróicas de nosso Partido, a levar sempre adiante, com

intrepidez e bravura proletárias, a causa da revolução popular e do socialismo no Brasil. Levantemos sempre mais alto suas bandeiras de combate, que nunca foram outras senão as do Partido Comunista do Brasil, exemplo vivo de vanguarda marxista-leninista da classe operária, guia e esperança do povo brasileiro. E sob estas gloriosas bandeiras, avancemos ainda mais confiantes para novos e maiores combates, a fim de conquistarmos novas e maiores vitórias.

Sempre como órgão central do Partido Comunista do Brasil, "A CLASSE OPERÁRIA" chega a seus 50 anos de lutas com algumas vicissitudes, mas principalmente, cheia de glórias. Nunca deixando de existir através do tempo, se renova em cada novo número com maior vigor. Principalmente hoje, quando no Brasil a luta de classes e as lutas pela liberdade estão em crescente ebulição, lembrando um grande caldeirão ao fogo, a voz de nossa querida "A CLASSE OPERÁRIA", como a voz da verdade, ressoa mais forte, num dizer que não se presta a dois entenderes. É a voz estimulante para os combates e nos combates, quando estão se acendendo mais e mais as chamas da revolução popular. Para os que lutam na dura clandestinidade das cidades, na imensidão da floresta amazônica, nas guerrilhas heróicas do Araguaia, nas pobres e agrestes regiões interiores, nos cárceres medievais da tirania militar fascista, em todos os rincões de nosso Brasil imenso, "A CLASSE OPERÁRIA" é a estrela-guia a iluminar difíceis mas gloriosos caminhos, a irradiar confiança inabalável na justiça da causa dos comunistas. E também o estandarte vermelho nos dias de festa dos revolucionários proletários brasileiros.

* Artigo extraído do nº 97 de A Classe Operária, de maio de 1975, edição comemorativa do cinquentenário deste jornal.
** Diógenes Arruda Câmara, dirigente do Partido Comunista do Brasil, falecido em novembro de 1979, vítima das seqüelas dos períodos de cárcere e tortura a que foi submetido pelo regime militar, escreveu este artigo na Europa, usando o codinome de Pageu, em homenagem aos milhares de abnegados e heróicos militantes que até hoje se encarrégam de fazer e difundir A Classe Operária.

Receba em casa

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

fazendo já sua assinatura!

Sim eu quero receber A CLASSE OPERÁRIA. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, no valor de Cr\$ 12.000

Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 317, cj. 43, CEP 01317

NOME _____

ENDEREÇO _____

BAIRRO _____

CIDADE _____ CEP _____

ESTADO _____ PROFISSÃO _____

DATA _____



Companheiros: Seja você também um correspondente de A CLASSE OPERÁRIA.

Envie para nossa redação cartas e artigos relatando a luta e a vida em sua fábrica, em sua empresa, em seu bairro, sua escola ou local de trabalho.

Carlos Danielli

Um jornal semanal que reflete as lutas do povo.

Tribuna Operária

PC do B apóia acordo político para mudar

Comunistas abrem com festa novas sedes do partido

Que tipo de união?

Vereador baleado diz que continua na luta

Município não foi o único mas que se ocultou no Brasil

Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

Anual (52 edições)	<input type="checkbox"/>	Cr\$ 100.000
Anual Popular (52 edições)	<input type="checkbox"/>	Cr\$ 50.000
Semestral (26 edições)	<input type="checkbox"/>	Cr\$ 50.000
Semestral Popular (26 edições)	<input type="checkbox"/>	Cr\$ 25.000
Assinatura trimestral (17 edições)	<input type="checkbox"/>	Cr\$ 12.500
Anual para o exterior (em dólares)	<input type="checkbox"/>	US\$ 70

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ CEP: _____

Estado: _____

Profissão: _____

Data: _____

Enderece a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi: rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo. CEP 01318.

A CLASSE OPERÁRIA*

Nossa estrela guia

Conclusão do número anterior

Nos dez anos de ditadura getuliana ou nestes onze anos de tirania militar fascista, quantos de nós, tendo nas mãos o exemplar de nossa querida "CO", após terminar de ler e reler, já nos aproximamos, em passos lentos, vezes e vezes, da chama de um candeeiro ou de um fogão e o queimamos sem vacilar, desfazendo-nos inclusive de suas cinzas? Com o coração apertado e um nó na garganta, lágrimas nos olhos, é verdade; mas, é verdade também, com suas palavras orientadoras guardadas fundo para nos guiarem nas dificuldades e para sabermos convencer a outros camaradas ou amigos de sua justeza, além de ficarmos com a consciência tranqüila de que, assim, estávamos observando disciplinarmente, as regras de vigilância revolucionária, resultantes de uma vivida e dura experiência, que visam dar continuidade à nossa luta, mesmo nas condições da mais rigorosa clandestinidade, devido à repressão militar fascista.

Ao render justas homenagens aos redatores, colaboradores, correspondentes, impressores, empacotadores e distribuidores de "A CLASSE OPERÁRIA", nas comemorações de seus 50 anos de lutas, frisemos: em geral são camaradas que se destacam como comunistas exemplares, embora nem sempre ocupem postos dirigentes e em sua maioria sejam modestos militantes.

Ao viverem na clandestinidade, num trabalhar permanentemente anônimo, os camaradas redatores, impressores e distribuidores da "CO" geralmente são obrigados a ter várias identidades e a usar mil nomes diferentes. De alguns, conhecemos seus verdadeiros nomes; de outros, nem mesmo sabemos como se chamavam. De muitos, guardamos apenas, carinhosamente, um ou outro "nome de guerra", como dizemos em nossa linguagem partidária. O essencial, porém, conservamos com o zelo do que está inscrito definitivamente

nas gloriosas tradições de "A CLASSE OPERÁRIA" e deve ser transmitido vivamente de geração a geração: seu trabalho sempre abnegado, suas vidas cheias de dedicação, sem nunca terem dito um "NÃO" diante de qualquer tarefa partidária e a executando com entusiasmo.

Com profundo respeito, é nosso dever lembrar sempre estes camaradas: os que pela "A CLASSE OPERÁRIA" foram perseguidos e nunca a entregaram; ou presos e torturados e nunca falaram; ou passaram anos a fio nos cárceres da repressão ditatorial e sempre mantiveram alta a chama de sua dignidade de comunistas que não se vergam. E destaquemos especialmente os nomes dos que foram friamente assassinados por beleguins policiais e militares ao resistirem bravamente à prisão, ou ao enfrentarem as mais bárbaras torturas, com a coragem tranqüila e confiante de verdadeiros comunistas, souberam sustentar como o herói da fábula: "MEU NOME É NINGUÉM". Quando o dever e a honra de um comunista se manifestam naturalmente, como hábitos diuturnos, adquirem uma estrutura de mandamento e passam a ser exemplos que ficam para sempre, sem a marca do tempo.

Com a força de nossos sentimentos proletário-revolucionários, evoquemos, pcis, a memória de todos os valentes camaradas que deram o melhor de si mesmos pela "A CLASSE OPERÁRIA" com amor e paixão verdadeiramente emocionantes, pois a honrosa tarefa de porta-estandartes da "CO" passou a ser vida de suas vidas. Sempre incansáveis e infundindo confiança, nunca tomando conhecimento da existência de dificuldades, sacrifícios ou riscos nem pensando em quaisquer comodidades, jamais se preocupando consigo mesmos, eis a constante de suas vidas de militantes comunistas. São modelos, portanto, a seguir, por-

que encarnação viva da grandeza silenciosa e edificante do heroísmo proletário.

Apresentemos armas e digamos "PRESENTE" ao bravo Cabo Jofre. Pertencente à Aeronáutica, foi combatente intrépido da insurreição popular de novembro de 1935. Após a derrota da insurreição, conseguiu escapar do cerco e perseguição das tropas getulianas, passando às atividades partidárias clandestinas. Destacado para responsável pela impressão da "CO", vivia onde funcionava a gráfica do Partido: uma casa humilde de um subúrbio carioca, sem qualquer espécie de comodidade. Uma noite viu a casa cercada pela polícia gestapeana de Felinto Müller, nos dias negros da ditadura getuliana. Não se intimidou; minou a base da máquina impressora da "CO" e o quarto onde estava camuflada, acendeu a mecha, pulou a única janela existente na pequena casa, tiroteou sem cessar, com vistas a romper o cerco policial, tombando, entretanto, sem vida após uma rajada de metralhadoras pelas costas, certamente sorrindo por ainda ter ouvido a forte explosão havida concomitantemente. Nada sobrou da pequena casa suburbana, nem da máquina impressora da "CO", nem da tipagem, nem dos papéis ali existentes. Nada caiu nas garras dos cães policiais, ávidos por documentos secretos do Partido, mas impotentes diante da bravura exemplar do inquecível Cabo Jofre. Sem se ter rendido jamais às forças inimigas, o nome do Cabo Jofre ficou vivamente gravado para sempre na história gloriosa de nosso Partido, seu sangue generoso como semente, sua vida de bravo como modelo.

Com particular carinho, recordemos os modestos militantes comunistas como Erasmo, operário gráfico baiano, dedicação comovente e a toda prova, zeloso no cumprimento de suas

tarefas partidárias, revolucionário profissional infatigável. Primeiro, em Salvador, na Bahia, compondo e imprimindo sempre a "CO" numa velha máquina "Minerva" manual e com tipagem de madeira, mesclada com alguns tipos de chumbo conseguidos pela abnegação de alguns militantes gráficos. Viviu sempre em pequenos barracos dos subúrbios mais pobres de Salvador, dormindo em cima de jornais velhos e quase abraçado na "minerva", que amava de todo coração e cuidava com carinho, conseguindo inclusive torná-la silenciosa, a fim de que não se ouvisse o menor ruído nas caladas da noite. Solteiro, dizia sorrindo, num falar baixo e manso, como comovente simplicidade proletária: "Minha companheira inseparável é a velha Minerva". Depois, no Rio, atendendo à convocação do Secretariado do Comitê Central para continuar compondo e imprimindo a "CO" noutra "Minerva" manual, num barraco de um subúrbio carioca. Preso o Secretariado do Comitê Central em março e abril de 1940 pela Gestapo getuliana, não caiu a gráfica da "CO" nem caiu Erasmo. Perdendo os vínculos com a direção central e mesmo com o Partido, não tendo dinheiro para ir a Salvador nem sabendo como comunicar com seus velhos conhecidos do Comitê Regional da Bahia, Erasmo foi trabalhar numa gráfica carioca, de máquinas manuais, pois só com estas era inigualável tipógrafo. Seu contato com o Comitê Central só pôde ser restabelecido após abril de 1945, com a legalidade do Partido, através de camaradas que o conheciam e em quem confiava. O mesmo de sempre: antes de tudo quis informar o que havia acontecido, o que tinha feito e entregar a tipografia do Comitê Central, conservada com desvelo por cinco anos. Alegre pela publicação da "CO" como semanário, impressa em rotativa, com matérias

Receba em casa

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS



A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

fazendo já sua assinatura!

Sim eu quero receber A CLASSE OPERÁRIA. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, no valor de Cr\$ 12.000
Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 317, cj. 43, CEP 01317

NOME

ENDEREÇO

BAIRRO

CIDADE

CEP

ESTADO

PROFISSÃO

DATA

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS
A CLASSE OPERÁRIA
ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

ANO 1 V. I ANO 1 1º SEMESTRE 1965

SUPLEMENTO ESPECIAL
A CLASSE OPERÁRIA
PC do B
Legal

Manifesto, Programa, Estatutos do Partido Comunista do Brasil

Editorial
Luta do povo conquista legalidade do PC do B

Comunidade de Base e o novo nível de organização política do Partido Comunista do Brasil. A luta do povo por democracia e liberdade política. O papel do Partido Comunista do Brasil na luta pela legalização do PC do B. A luta do povo por democracia e liberdade política. O papel do Partido Comunista do Brasil na luta pela legalização do PC do B.

Companheiros: Seja correspondente de A CLASSE OPERÁRIA
Envie para nossa redação artigos relatando a luta na fábrica, em sua empresa, na escola ou local de trabalho.

Luís Manfredini : Sempre sonhei conhecer o verdadeiro socialismo

No próximo dia 8 de agosto, será lançado oficialmente em Curitiba, na Casa Romário Martins, às 20,30 hs, o livro ALBÂNIA - Horizonte Vermelho nos Balcãs(*), do jornalista paranaense Luiz Manfredini, editado pela Editora Alfa-Omega. Fruto de uma viagem do jornalista à Albânia Socialista, o livro apresenta um panorama completo e atualizado da vida daquele país. Nessa entrevista à A Classe Operária, Manfredini diz porque foi à Albânia e porque escreveu seu livro.

P - O que o levou a visitar a Albânia Socialista?

R - O sonho alimentado durante quase 20 anos de conhecer de perto uma sociedade verdadeiramente socialista, de conferir pessoalmente o seu funcionamento. Acho que este sonho acompanha todos os que optaram pelo socialismo.

P - Como um jornalista brasileiro é recebido lá?

R - De forma até exageradamente simpática e acolhedora. Os albaneses são muito responsáveis, rigorosos no cumprimento dos seus compromissos e, ao receberem visitantes estrangeiros, trabalham duro para lhes proporcionar uma visão panorâmica, a mais completa possível, do país. Desembarquei em Tirana levando um roteiro completo dos meus interesses na Albânia. Os albaneses não apenas permitiram que eu o cumprisse em sua totalidade, como apresentaram sugestões e criaram condições - inclusive as de infraestrutura - para que o raio da minha investigação se ampliasse consideravelmente. Como resultado, em três semanas percorri cerca de 2 mil quilômetros.

Conheci suas principais cidades, visitei fábricas, cooperativas agrícolas, fazendas estatais, escolas, hospitais, museus, casas de cultura, centros de lazer etc. Ainda sobrou tempo para perambular pelas ruas, bares, restaurantes, hotéis e melhor captar, no cotidiano, o perfil do cidadão comum. Ao final da estada, os albaneses ainda me presentaram com uma penca de livros e documentos que me foram extremamente úteis para melhor compreender a sociedade albanesa. São estas as condições de trabalho que habitualmente eles oferecem aos inúmeros jornalistas de várias partes do mundo que periodicamente vão à Albânia a trabalho.



Luís Manfredini

Fato interessante é a insistência com que solicitam dos visitantes que não apenas conheçam a sua realidade, mas que também registrem suas opiniões, críticas e sugestões.

P - Com quem você teve contato na Albânia e em que nível se deram esses contatos?

R - Bem, o contato inicial foi com o Comitê de Relações Culturais e de Amizade com o exterior, organismo encarregado de receber e ciceronear as delegações estrangeiras. Ao longo da estadia de três semanas, mantive entrevistas ou encontros informais com uma porção de gente, com operários, camponeses, professores, cientistas, estudantes, jornalistas. Estive com dirigentes estatais, deputados, dirigentes do PTA e de entidades de massa sem contar, é claro, o contato com o povo que mantive esparsamente quando nossa delegação saía às ruas por sua própria conta.

P - Como você viu o contraste entre o mundo capitalista e a Albânia Socialista?

R - Mesmo que a Albânia ainda viva dificuldades, o contraste a que a pergunta se refere é impressionante, lembra um pouco aquelas estórias do túnel do tempo, trânsito entre mundos completamente opostos. Meu livro trabalha muito com este contraste. Ausência de marginalização social, de desemprego, analfabetismo, criminalidade, a gratuidade dos serviços básicos, as frequentes quedas do custo de vida, o amparo ao trabalhador, a intensa participação popular no

Governo, são ingredientes que configuram o contraste com a crise econômica, política, social, moral que assola tanto os países capitalistas quanto os revisionistas. Sem qualquer idealização, aprende-se, na Albânia, o sentido mais concreto, preciso, cotidiano do socialismo como regime que, ao contrário do capitalismo, não visa o lucro de um grupo de proprietários, mas o atendimento crescente das necessidades materiais e culturais da grande maioria da população.

P - A Albânia defende firmemente o princípio de desenvolver-se apoiada inteiramente nas próprias forças. Como você sentiu isso lá?

R - Senti em todos os momentos que lá vivi. Este princípio parece emanar da própria terra, despencar do céu, impregnar-se no espírito de cada cidadão. Sua

aplicação vem permitindo um desenvolvimento crescente da economia e da cultura, sem colocar em risco a independência do País, isto é, sem colocar em risco a própria revolução. Digo isso porque não fosse a aplicação rigorosa do princípio de apoiar-se nas próprias forças, os albaneses já teriam caído nas malhas de tantos quantos conspiraram contra a sua soberania, como os iugoslavos, os krushev-

tas, os chineses para ficar nos mais evidentes.

P - O que se discute e o que se vive no dia a dia da sociedade albanesa?

R - Bem, o cotidiano dos albaneses é feito de trabalho, lazer, estudo e intensa participação social e política. Ao contrário do que vive dizendo a propaganda reacionária, eles vivem muito melhor que nós. Não há exploração. Portanto, não há a figura do trabalhador se esgotando no trabalho, preocupado com o risco do desemprego, com as altas do custo de vida, com o pagamento da prestação da casa, com a insegurança das cidades, com o futuro dos filhos. Ao invés de preocupar-se com essas chagas sociais, abolidas na Albânia após a libertação, os albaneses se ocupam em governar o seu País já que a democracia socialista permite ao cidadão - através de uma série de organismos partidários, estatais e sociais - participar da gestão da economia e da administração pública de um modo geral. Ademais, gostam muito de futebol, entopem os bares e restaurantes à noite, fazem excursões, enfim, gozam a vida que agora lhes pertence.

P - Como você viu e se relacionou com o povo albanês?

R - Pois é, vi o povo albanês fazendo tudo a que me referi na pergunta anterior. Os albaneses me trataram como a um velho amigo, pois nutrem por nós, brasileiros, uma estima especial. Muitas vezes fui abordado na rua, em hotéis, em bares, por pessoas do povo entusiasmadas que desejavam falar sobre o Brasil. Eram contatos impraticáveis dadas as diferenças idiomáticas, mas que eram diligentemente tentados através da mímica e de uma engraçadíssima mistura de palavras em francês, inglês e italiano. Certa noite, em Gjirokastra, bela cidade histórica do Sul, um grupo de jovens nos abordou na rua com uma saudação, em italiano, que muito comoveu nossa delegação: "Viva o Brasil!". Então o relacionamento com o povo albanês foi sempre assim, festivo, de grande camaradagem, cheio de brindes e vivas. Trata-se, de fato, de um povo muito especial.

P - Na sua opinião, por que a Albânia combate com tanta ênfase as duas superpotências, os EUA e a URSS?

R - Os albaneses entendem que, ao se desviar do rumo socialista, a URSS tornou-se uma superpotência que disputa com a outra, os EUA, a partilha do mundo. Tornou-se, assim, tão nefasta para os povos como os EUA, e, embora haja diferenças de atuação entre elas, ambas representam inimigos mortais para os povos que desejam a liberdade e o progresso social. Segundo os albaneses, os povos podem quando muito aproveitar, em seu benefício, certas contradições entre as duas superpotências, mas jamais alinhar-se a uma ou outra. Seria sepultar sua soberania.

P - Como é a vida cultural na Albânia: a literatura, a TV, o cinema, o teatro, a música e as artes em geral?

R - Antes da Libertação, 85% dos albaneses eram analfabetos, não existia nem TV nem cinema no País, os artistas plásticos não podiam representar a figura humana - remanescente da dominação turca - não havia universidade. Depreende-se daí que tudo o que ocorreu, no campo cultural, depois da Libertação, foi algo espetacular. Erradicou-se o analfabetismo, criou-



se o cinema, a TV, a Universidade. Atualmente, além dos grupos teatrais e musicais nacionais, há milhares deles espalhados até na mais longínqua aldeia camponesa. Hoje um, em cada três albaneses, está na escola. As artes plásticas sofreram um impulso fantástico. A Albânia Socialista foi capaz de produzir, entre outros, um Ismail Kadaré, escritor laureado e aplaudido em toda a Europa. O mais importante: os trabalhadores passaram a fazer arte. Aqui está a essência do socialismo na área cultural.

P - Que papel um livro-reportagem como o seu joga na polêmica ideológica e política sobre o socialismo, polêmica esta que se intensifica na atualidade?

R - Francamente, joga o papel de ajudar a derrubar as deformações intencionais sobre o socialismo engendradas pela reação para iludir a opinião pública. Na medida em que tenha acesso às informações reais, concretas, atuais a respeito do socialismo, a opinião pública terá condições de organizar seu próprio juízo. Vivemos uma época mais democrática. Estou certo de que a propaganda reacionária não resistirá aos fatos e eles estão presentes, fartamente, no livro que está chegando às livrarias.

P - Como você analisa o papel de Enver Hoxha, seu pensamento teórico e sua ação prática, na luta de libertação e na construção do socialismo na Albânia?

R - Dedico a ele um capítulo inteiro no meu livro, tal sua importância na história contemporânea albanesa. Enver tem sido atacado pela reação justamente pela lucidez teórica e a abnegação prática com que dirigiu a luta dos albaneses, primeiro contra os agressores nazi-fascistas, depois pela edificação socialista e, de quebra, contra todos os que tentaram dirigir rumo à pequena Albânia seus apetites anexionistas. Não fosse essa sua qualidade insuperável, seria papirado por todos. Os ingleses acaso não se cansavam de elogiar Tito? Atualmente, mesmo os chineses não são lisonjeados pelos EUA? Na verdade, Enver Hoxha foi uma dessas figuras raras que surgem na vida dos povos e que são capazes de encarnar tão integralmente os anseios e angústias de uma época e tornar realidade antigas e queridas aspirações históricas. Foi um grande estadista, um teórico brilhante, um revolucionário de fibra. O resto é conversa fiada da reação.

(*) ALBÂNIA - Horizonte vermelho nos Balcãs, pode ser pedido por reembolso postal para a Editora Anita Garibaldi Ltda. - Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 317 - conj. 43 - São Paulo - Capital - CEP 01317 - Preço Cr\$ 35.000

RESISTÊNCIA DOS OPERÁRIOS E COMUNISTAS PORTUGUESES

Durante quinze dias, no mês de junho, visitou nosso país o camarada Eduardo Pires, dirigente do irmão Partido Comunista (Reconstruído) de Portugal. O camarada Pires teve contato com a realidade brasileira, conversou com operários, militantes comunistas, dirigentes sindicais e conheceu de perto a atividade de nosso Partido.

Em visita à redação de nosso jornal, o camarada Pires concedeu-nos uma entrevista, em que fala sobre a vida e as lutas da classe operária portuguesa.

Pergunta: Qual o peso da classe operária na sociedade portuguesa?

Resposta: A classe operária em Portugal é hoje, dentre todas as classes sociais, a que desempenha já em quantidade, o papel principal. Ela se concentra em 3 grandes regiões do país - no litoral, na região da Grande Lisboa e na região do Grande Porto. Aí está a grande maioria da classe operária portuguesa. Nossa classe operária é formada por quatro milhões e meio de trabalhadores ativos, dentre os quais um milhão e seiscentos mil operários industriais. Parte desses operários industriais se concentram principalmente no distrito de Setúbal, onde as cinco maiores empresas têm cada qual mais de 5 mil operários. Nessa região, a classe operária tem uma força muito grande. Se analisarmos o papel que a classe operária desempenhou nas grandes jornadas após o 25 de abril de 1974 e ao longo de todos esses anos, vamos concluir que o peso da classe operária na vida portuguesa é muito grande, preponderante. Mesmo na época do fascismo, a classe operária se destacava por sua elevada combatividade.

Pergunta: Em pronunciamentos públicos você se referiu à existência de uma investida da reação e do imperialismo contra as conquistas democráticas e populares. Como essa investida vem atingindo a classe operária portuguesa?

Resposta: Essa investida não é de hoje. Ela começou a se articular no período da crise revolucionária. Foi debaixo dessa ofensiva que se tornou possível dividir o movimento operário e popular e desencadear o golpe de estado reacionário de 25 de novembro de 1975. O imperialismo e a reação têm usado de muita habilidade nesses 10 anos. Tentam levar em conta as conquistas obtidas pelo movimento operário e popular durante a crise revolucionária. Foram conquistas tão avançadas que se tornou difícil a reação e ao imperialismo liquidá-las em definitivo. Por isso, a reação ainda arvora a bandeira da democracia e tenta legislar. Primeiro legislaram sobre o problema da reforma agrária. Nessa legislação garantiram que as cooperativas podiam existir, mas determinaram que deviam ser entregues partes das terras ocupadas pelos camponeses aos antigos donos. Foi uma maneira de dividir as cooperativas e esvaziar a reforma agrária.

Pergunta: Que outras medidas se inserem nessa investida reacionária?

Resposta: Partiram para reorganizar o Exército. Pouco a pouco foram retirando tudo o que fosse progressista do Exército. Depois limitaram o direito de greve, não tanto no aspecto legislativo, mas através da pressão econômica sobre a classe operária.

Pergunta: Concretamente, como se dá essa ofensiva econômica sobre a classe operária?

Resposta: Ao longo destes últimos dez anos tem havido um verdadeiro cerco econômico à classe operária e às demais massas trabalhadoras. A classe operária tinha alcançado nas jornadas revolucionárias que se seguiram ao 25 de abril de 1974 grandes conquistas sociais: salário mínimo nacional para todas as categorias, inclusive camponeses e operários agrícolas; contratação coletiva do trabalho; amplo direito de greve e assim por diante. Foram conquistas muito importantes. Depois surge uma conjuntura desfavorável, de crise econômica e a reação começa então a criar uma situação extremamente gravosa para os trabalhadores. Muitas empresas vão à falência, se descapitalizam e ocorre um deslocamento de capitais para outras áreas. O resultado imediato é o desemprego, fenômeno que é massivo em Portugal, atingindo cerca de 15% da força de trabalho.

Com essa descapitalização várias empresas no fim do mês não tem dinheiro em caixa, ficando os salários em atraso. Hoje há ceca de 150 mil trabalhadores com salários atrasados, havendo casos de seis meses de atraso. Então surge uma situação muito angustiante e os trabalhadores passam a viver numa grande miséria. Ora, isso faz uma grande pressão sobre a classe operária que está empregada. O patrão diz: "se tu fazes greve, olha que a empresa depois não tem dinheiro para pagar, é preciso trabalhar, e não é só oito horas, mas trabalhar intensivamente, aumentar os ritmos, dar horas-extras, para que a empresa tenha lucro e possa te pagar".

Pergunta: Que outros direitos econômicos têm sido liquidados?

Resposta: Uma das leis mais importantes que surgiram para dobrar a espinha da classe operária foi a dos contratos a prazo, elaborada por Mário Soares, com os social-democratas no poder. Em Portugal, todos os trabalhadores tinham direito ao contrato coletivo vitalício. Ninguém podia ser despedido. Isto foi uma grande conquista de abril. Os contratos a prazo liquidaram a vitaliciedade do vínculo empregatício, pois através deles os patrões passaram a contratar os trabalhadores por seis meses, gerando desemprego e forçando a baixa real dos salários.

Pergunta: Diante dessa ofensiva, como está atualmente a capacidade de luta e reivindicação da classe operária?

Resposta: A classe operária não tem ficado parada. Existe uma idéia negativista, mesmo de alguns camaradas, que consideram como praticamente inexistente o movimento de resistência dos trabalhadores. É uma visão



Eduardo Pires, do PC(R)

défensista. Por outro lado, o partido revisionista difunde a falsa visão de que o movimento operário já conquistou tudo, só tem vitórias. É uma maneira que eles encontram de fazer demagogia com o movimento operário. Se a classe operária não estivesse resistindo não havia como explicar a atual crise de governo ou o fato de que o imperialismo e a reação não conseguiram ainda implantar todas as medidas que querem.

Pergunta: O que o Partido propõe para elevar o nível das lutas dos trabalhadores portugueses?

Resposta: Nossa política é unificar todas as lutas que ainda estão dispersas. O Partido tem preconizado uma política de resistência e, ao mesmo tempo, de unificação das lutas. O partido revisionista tem agido no sentido de limitar essas lutas ao âmbito das empresas. Temos insistido na importância das lutas em torno dos salários em atraso, que como já falei é uma questão muito concreta.

Pergunta: Como está a implantação do Partido na classe operária portuguesa?

Resposta: Este é um dos problemas mais importantes. Acho que está ligado com as concepções estranhas que penetraram no Partido. O Partido só foi formado em 1976, isto é, depois da crise revolucionária. Quando as massas estavam nas ruas, quando a liberdade era completa, quando o mais difícil era ser clandestino, o Partido não existia e os grupos que deram origem ao Partido viviam escondidos, na extrema clandestinidade, sob o pretexto do perigo de golpe permanente, do perigo de retorno ao fascismo. Isto, repito, em plena crise revolucionária, logo depois de abril de 1974. As direções dos grupos que mais tarde formaram o Partido diziam: "Não podemos nos legalizar". Neste quadro o partido revisionista tomou conta dos sindicatos, apareceu publicamente dizendo: "Operários, vinde a nós, o Partido Comunista". Então, essas concepções erradas sobre o Partido, a manutenção do espírito de grupo e a visão estreita dificultaram a construção do Partido e sua implantação na classe operária.

Agora em julho realizaremos uma Conferência Nacional do Partido, quando nos debruçaremos sobre as dificuldades constatadas e adotaremos resoluções políticas e organizativas que possibilitarão a inserção do Partido na vida política, sua ligação com as massas e o crescimento de suas fileiras, nomeadamente entre os operários.

Veja por que o socialismo é necessário

Apenas Cr\$ 5.000

SOCIALISMO

IDEAL DA CLASSE OPERÁRIA,
ASPIRAÇÃO DE TODOS OS POVOS



João Amazonas

2ª Edição

Pedidos para Editora Anita

Garibaldi Ltda Av.

Brigadeiro Luís Antônio,

317 - conj. 43 São Paulo

CEP 01317 Tel: 340689

Cheque nominal Vale Postal
ou reembolso postal

(pedidos acima
de Cr\$ 20.000)

Reagan ameaça invadir a Nicarágua e intervém em toda América Central

Luiz Aparecido

Diante da resistência dos povos centro-americanos contra a exploração e o intervencionismo bélico norte-americano, Reagan prepara descaradamente a invasão da Nicarágua e apoia governos militares fantoches em El Salvador, Honduras e Guatemala. Em todo o mundo, os povos amantes da paz e do progresso prestam solidariedade e ajuda à Nicarágua e aos povos de El Salvador, Guatemala e de outros países que lutam contra os militares fascistas e o imperialismo norte-americano.

As últimas medidas aprovadas pelo governo e o Congresso dos Estados Unidos aumentaram o potencial intervencionista do imperialismo na América Central e ameaçam a soberania de vários países, notadamente da Nicarágua. A águia de rapina imperialista não se conforma com o fato de haver perdido o pequeno país centro-americano para seu próprio povo e, além de alimentar o terrorismo interno dos fascistas e financiar forças militares intervencionistas, agora prepara um verdadeiro plano de invasão da Nicarágua.

O governo Reagan não só decretou um cerco econômico ao país com medidas de bloqueio comercial, ameaçando até seus aliados e países independentes para que não negociem com os sandinistas, como aumenta sua presença militar na região já com preparativos para a intervenção direta. E os imperialistas americanos fazem isso em desrespeito a todas as ações internacionais de mediação e esforços de pacificação da região.

Nos últimos meses, a presença militar americana na América Central, que era mais ou menos circunscrita a suas bases no Panamá, onde treinam militares fascistas para intervir em todos os países do Conti-

nente, agora se expandiu para Honduras, El Salvador e Costa Rica, onde milhares de soldados constroem bases militares e treinam exércitos fantoches dos golpistas locais. Tudo isso visando destruir a revolução nicaraguense, devolver o país aos partidários do ex-ditador Anastácio Somoza e impedir que o povo derrube os governos fantoches instalados pelos norte-americanos em El Salvador, Guatemala e Honduras. De quebra, essa presença militar é um meio de impedir a consolidação e o avanço da democracia em outros países da região.

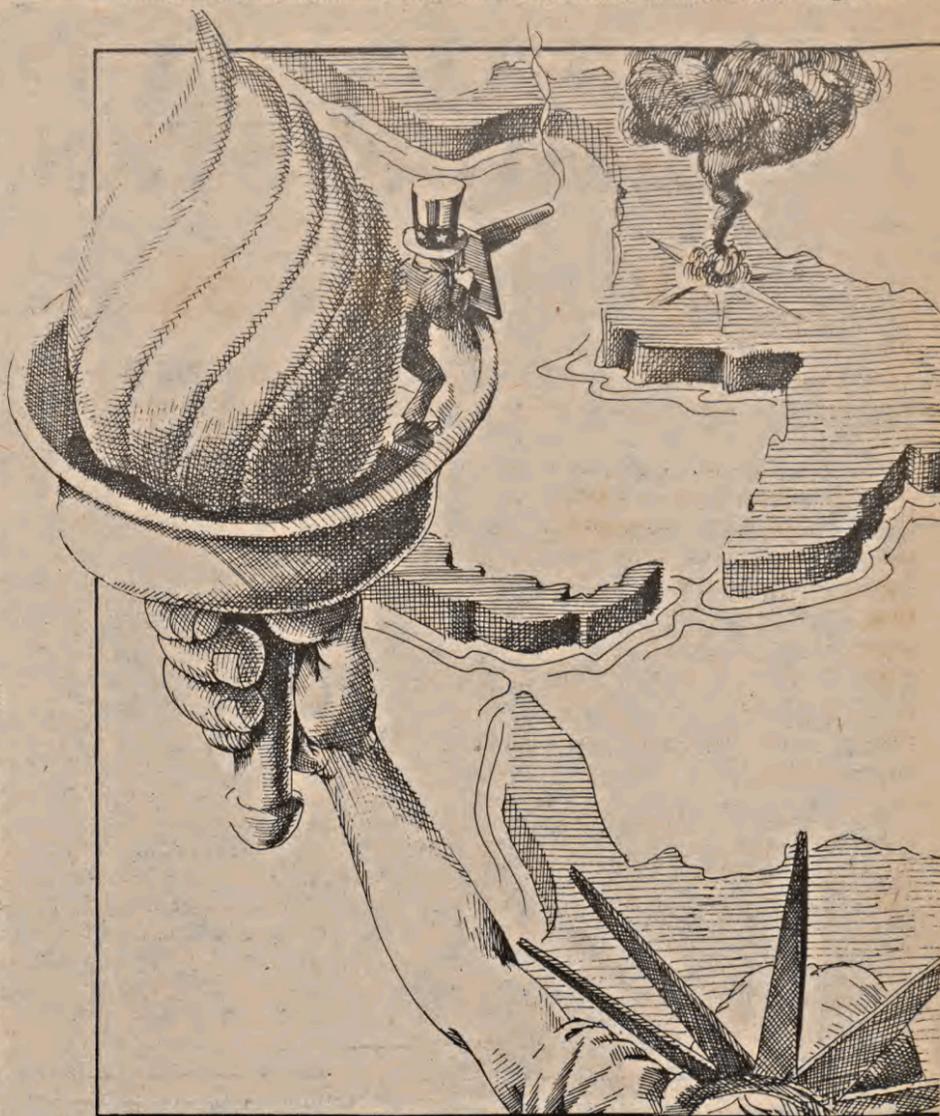
Os povos livres e governos democráticos de todo o mundo têm protestado contra o intervencionismo dos imperialistas norte-americanos, mas Reagan e seus sequazes fazem ouvidos de moucos e continuam com seus planos belicistas. Na Europa e em vários países da América Latina, onde a democracia vem triunfando contra os militares golpistas, articulam-se movimentos de apoio ao povo nicaraguense e contra a presença militar norte-americana na América Central e no Caribe. Esse movimento vem crescendo, e para justificar sua política intervencionista, Reagan busca apoio até de terroristas de direita que agem nos países da região contra os movimentos populares e democráticos.

Os povos resistem

Mas enquanto Reagan alimenta sua máquina de guerra, os povos da Nicarágua, de El Salvador e da Guatemala, resistem. O governo nicaraguense, vem procurando por todo o mundo, apoio para a luta contra a política imperialista e prepara seu povo para a resistência à invasão das tropas norte-americanas. Isolados comercialmente dos Estados Unidos, procuram na Europa e nos países democráticos da América Latina apoio para sua causa e sobrevivência para sua balança comercial, já que o país enfrenta grandes dificuldades para sanar a economia, praticamente arrasada pela guerra de libertação e pela ação dos contra-revolucionários.

Os comunistas, os democratas e todos os povos amantes da paz e do progresso, se consideram aliados do povo nicaraguense nessa luta contra os imperialistas e seus capangas. Consideram fundamental que se articulem a nível nacional e internacional, amplos movimentos de massa em apoio ao povo da Nicarágua e contra a intervenção norte-americana. É imperioso que esse movimento de solidariedade cresça, pois só ele será capaz de impedir a aventura belicista de Reagan na Nicarágua e na região.

Já em El Salvador, a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, agregando todas as forças democráticas e progressistas do país, continua em guerra contra o governo fantoche de José Napoleón Duarte, financiado e armado pelos americanos. Impossibilitados de



ganhar a guerra contra o exército popular da FMLN usando apenas os homens de Napoleón Duarte e os esquadrões da morte militares, os imperialistas norte-americanos iniciam também naquele país a intervenção armada direta, com o envio de centenas de boinas verdes para orientar as Forças Armadas e incentivar os órgãos repressivos de El Salvador com técnicas mais "eficazes".

No entanto, em todos os confrontos até agora registrados entre os guerrilheiros da FMLN e o exército fantoche, os homens de Napoleon Duarte têm saído perdendo. A guerrilha salvadorenha já domina grande parte do país, e as forças guerrilheiras são engrossadas dia-a-dia com maiores contingentes de homens dispostos a lutar pela libertação de sua pátria. Neste país, a presença militar norte-americana tem crescido nos últimos meses e muitos soldados de Reagan têm morrido em combates com os guerrilheiros. Nas últimas manobras norte-americanas com as forças fantoches de Honduras, envolvendo 14 mil soldados americanos, o imperialismo ianque visava não só preparar um plano de invasão da Nicarágua, mas também de El Salvador, onde os imperialistas sabem que não ganharão a guerra e não poderão manter indefinidamente Napoleon Duarte no governo.

Também na Guatemala o povo resiste à presença norte-americana e à sangrenta ditadura dos militares locais. Um amplo movimento de massas democrático e patriótico se forja na luta cotidiana, e uma força guerrilheira expressiva atua há anos no interior do país e vem adquirindo maior força e consistência política nos últimos meses. Para impedir o avanço das forças populares e democráticas, o imperialismo tem armado até os dentes os militares guatemaltecos e, vez por outra, troca o ditador de plantão na vã tentativa de manter seu domínio sobre o país e iludir o povo.

A resistência a governos fascistas e fantoches e ao imperialismo norte-americano, no entanto, não se resume a esse três países conflagrados e em guerra aberta contra as forças antidemocráticas e retrógradas. Mesmo em Honduras, um verdadeiro quartel norte-americano implantado na América Central, o povo tem dado mostras de resistência e vários

movimentos têm eclodido por todo o país contra o governo dócil aos interesses dos imperialistas.

Na Costa Rica, também tem havido protestos populares contra a política norte-americana na região e as forças democráticas vêm adquirindo uma maior unidade na luta política contra o governo conservador e colaboracionista. No Panamá a situação é de confronto entre o povo e os interesses norte-americanos, que mantêm naquele país, suas maiores bases militares no Continente e onde são preparados militares fascistas de vários países para tomar o poder.

Política do FMI

Mas não é só a presença militar imperialista que incomoda e submete os povos da região. Também a política econômica hegemônica aplicada pelo FMI (o mesmo que arrocha os brasileiros hoje) nos países submetidos ao poderio econômico americano, tem causado protestos e é motivo de unidade entre as forças democráticas, patrióticas e populares na luta contra os governos antinacionais e antidemocráticos.

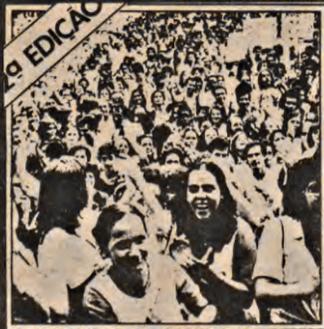
Recentemente em São Domingos, revoltas populares paralisaram o país, em protesto contra a política do FMI que diminuía os salários dos trabalhadores, descapitalizava a economia nacional e aumentava os preços dos gêneros de primeira necessidade a níveis insuportáveis. Durante semanas, grandes manifestações paralisaram a capital de São Domingos e as principais cidades do interior e só houve um arrefecimento do movimento popular, após uma sangrenta repressão e depois de uma promessa governamental de rever algumas medidas.

A intervenção imperialista na região não se dá por motivos políticos e ideológicos simplesmente, mas fundamentalmente por motivos econômicos, já que os norte-americanos, que sempre trataram aquela região como um quintal de seu país, querem continuar explorando o povo e as riquezas nacionais indefinidamente e da forma mais torpe. Por isso, primeiro mandam os economistas do FMI com seus planos de saque à economia nacional dos países. Quando isso falha, ou quando o povo resiste bravamente, como em São Domingos e outros países, mandam então seus soldados.

Mulher que luta deve ler

Em Defesa dos Direitos e da Emancipação da Mulher

Luísa Morais



editora Anita Garibaldi

Apenas Cr\$5.000

Pedidos para Editora Anita Garibaldi Ltda.

Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 317 - conjunto 43

São Paulo - Capital - CEP 01317 - Fone 34-0689

Internacional

Superpotências querem submeter todas as nações a seus interesses

Despacho da Agência
Telegráfica Albanesa (ATA)

As duas superpotências imperialistas, os Estados Unidos e a União Soviética, intensificam os preparativos de guerra, criando na Europa um clima de grande tensão. Num de seus últimos números o jornal albanês *Zeri i Popullit* (A Voz do Povo), adverte para os perigos gerados pela participação nos blocos militares das duas superpotências.

Zeri i Popullit acentua que o armamentismo incessante dos dois blocos militares, a OTAN e o Pacto de Varsóvia, um manipulado por Washington e o outro por Moscou, representa a materialização dos planos belicistas das duas superpotências e ao mesmo tempo uma forma para intensificar seu controle e ditame sobre os países membros dos referidos blocos. Esses países se vêem atrelados à corrida armamentista que praticam os Estados Unidos e a União Soviética, assim como aos fins agressivos das superpotências no continente europeu e fora de suas fronteiras. Toda esta atividade acarreta graves conseqüências para a liberdade, a independência, a soberania e a dignidade nacional dos países europeus.

O curso belicista da OTAN e do Pacto de Varsóvia, sublinha o jornal *Zeri i Popullit*, é perigoso para os povos dos países membros desses blocos e igualmente para todos os povos do continente, que, com justa razão, se inquietam e elevam sua voz contra os preparativos de guerra dos Estados Unidos e da União Soviética, bem como de seus blocos militares. Os povos europeus não podem enganar-se com a propaganda ilusória atlântica ou pró-soviética tendo em vista participar num de seus blocos e se colocar sob o guarda-chuva militar e nuclear americano ou soviético. Igualmente eles não podem enganar-se pelas reuniões em série como as de



Viena ou Estocolmo. Estas reuniões são convocadas para desviar a atenção da opinião pública dos desenvolvimentos perigosos da corrida armamentista.

POSIÇÃO DA ALBÂNIA

A Albânia socialista, como país europeu que pratica uma política externa segundo os interesses dos povos, de sua liberdade e independência, lutou e luta ativamente contra a ameaça de guerra e da presença perigosa dos Estados Unidos e da União Soviética, de suas tropas e de suas bases em nosso continente, pela liquidação dos blocos militares agressivos.

A GUERRA NAS ESTRELAS

Em outro artigo, o jornal dos comunistas albaneses afirma que a política européia da Casa Branca visa atualmente assegurar o apoio e a participação dos "aliados" europeus ocidentais no chamado programa da "guerra nas estrelas". Isto se enquadra nos objetivos e nos grandes interesses de dominação mundial dos Estados Unidos em todos os sentidos.

No que concerne ao aspecto econômico, para acionar o programa "guerra nas estrelas" os imperialistas norte-americanos procuram obter recursos e explorar as fontes econômicas, financeiras e humanas de seus "aliados", explorando-os mais do que antes inclusive, inclusive o "cérebro da ciência", seus engenheiros e cientistas.

LUTA PELA SUPERIORIDADE

Do ponto de vista político e militar, com seu programa de "guerra nas estrelas", o imperialismo americano procura obter a superioridade em face de seu principal rival pelo domínio do mundo, o social imperialismo

Demagogia americana com devedores

O imperialismo norte-americano usa em relação aos países devedores da América Latina uma política de duas caras. Ao mesmo tempo que pressiona no sentido de adotar medidas de caráter recessivo, faz vez por outra, promessas de ajuda na vã tentativa de enganar os povos. Na presença de 25 embaixadores latino-americanos, o secretário de Estado George Shultz afirmou demagogicamente que os Estados Unidos estão "comprometidos com a tarefa de ajudar os países da América Latina a resolver o problema da dívida externa." Ora, tais declarações não encontram a mínima correspondência

com a realidade, pois a tônica da orientação dos organismos financeiros internacionais manipulados por Washington, em particular o FMI, é a imposição de arrocho, aumento de impostos, sucateamento das indústrias nacionais e saqueio cada vez mais desenfreado das riquezas naturais dos países devedores.

Ao prometer ajuda, na verdade o imperialismo norte-americano tem em conta não as dificuldades dos países e povos latino-americanos, mas a preservação de seus interesses de rapina e hegemônistas na região.

soviético, que tem as mesmas ambições e se entrega à mesma corrida armamentista, inclusive nos espaços cósmicos, como o imperialismo americano. Mas nos planos militares estratégicos dos Estados Unidos e da União Soviética, ocupam um lugar não menos importante o ataque, a submissão e a dominação sobre seus aliados, recorrendo não apenas ao poder do dólar e do rublo, mas também do átomo. Nesse sentido, o plano de Reagan encerra grandes perigos até mesmo para os aliados europeus dos Estados Unidos.

DEPÓSITO DE ARMAS

Com o "guarda-chuva atômico" de ontem, ou o "escudo atômico" oferecido atualmente pelos imperialistas norte-americanos, os aliados nada têm a ganhar senão uma dependência ainda maior ao "grande patrão" de ultramar.

Se os aliados apoiam ou não o programa de "guerra nas estrelas" de Reagan, o fato é que já está em curso uma corrida armamentista mais desenfreada, que do ponto de vista das proporções e das conseqüên-

cias não pode ser comparada ao passado. Presentemente, o perigo de ver o velho continente europeu transformar-se num depósito de armas e num polígono de provas cresce cada dia mais.

Contra o oportunismo

Somente Cr\$500

João Amazonas

O Trotskismo
corrente política
contra-revolucionária



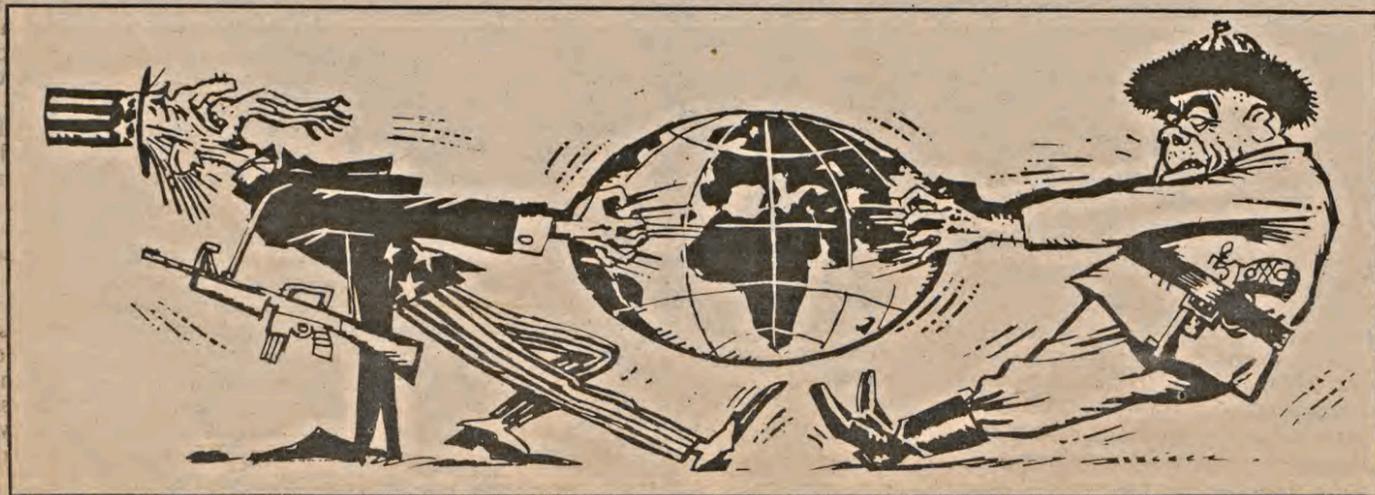
A atuação dos
trotskistas no PT

editora anita garibaldi

Pedidos para Editora Anita
Garibaldi Ltda Av. Brig.
Luís Antônio, 317 - conj.
43 - São Paulo - Capital
CEP 01317 Tel: 340689
Cheque nominal - Vale
Postal ou reembolso
postal (pedidos acima de
Cr\$ 20.000)

PROLETARE TE TE QJYHA VENDEVE, BASHKOHUNI!

ZERI I POPULLIT
ORGANI KOMITETIT QENDROR TE PPSH



AUDÁCIA NA CONSTRUÇÃO DO PARTIDO

Dynéas Fernandes Aguiar

A nova fase que vive o Partido, de sua legalidade, introduz novos problemas organizativos que devemos estudar e solucionar de maneira adequada, rápida e eficaz.

Um deles diz respeito ao amplo recrutamento de milhares de novos militantes a fim de possibilitar nossa implantação nas grandes concentrações de massas: empresas, bairros, escolas etc.

É preciso ter sempre presente que é condição de militância pertencer e participar das atividades de uma organização de base. Todos aqueles que se filiarem ao Partido deverão ser rapidamente encaminhados para as respectivas organizações no local de trabalho, moradia ou estudo para serem aí integrados.

Neste processo de filiação ampla e massiva de novos militantes ao Partido, é de fundamental importância criarmos as condições para, que os novos filiados permaneçam organizados e não sejam apenas simples aderentes. As organizações de base e os comitês devem ter uma programação permanente (semanal ou quinzenal) de discussões e debates sobre os mais variados temas que fundamentem as nossas propostas programáticas e transmitam aos novos militantes os conceitos fundamentais da teoria marxista.

Nova vida aos militantes

O Partido deve dar aos seus filiados uma nova vida. Abrir-lhes amplo campo de visão científica sobre a sociedade em que vivemos e os caminhos para transformá-la. Deve propiciar as condições que permitam aflorar todas as potencialidades de luta e de ação de cada um dos que ingressem em suas fileiras.

Manter organizados e atuantes, os milhares de novos filiados é tarefa de fundamental importância para os dirigentes do Partido, em particular dos secretários e comissões de organização. É necessário, insistimos, que se constituam comissões específicas de filiação e estruturação.

Essas comissões, formadas por 3 a 5 camaradas, devem selecionar as fichas de filiação por empresa, escola ou local de

moradia e enviá-las aos respectivos diretórios ou organizações de base das áreas correspondentes. De posse dessas fichas o secretário de organização da base ou do diretório deve procurar os novos companheiros para integrá-los na organização partidária.

Em locais em que não exista organização de base, a comissão de filiação do Municipal ou do Distrital, deve encarregar-se de reunir os novos elementos e constituir a respectiva base. Esta norma aplica-se às comissões regionais em relação aos municípios em que ainda não temos organização partidária.

Aprender com o Partido

Partindo do correto pressuposto de que o comunista se forma é dentro do Partido, devemos entender a militância como um permanente processo de aprendizagem teórica e prática. Um processo sempre em evolução que passa, necessariamente, por algumas etapas.

Teremos uma ampla massa de filiados, homens e mulheres que pela primeira vez militarão em um partido comunista. Eles virão ao Partido pelas mais variadas vias - na ação de massas ou pela agitação e propaganda de nossas idéias e materiais - e desejam colaborar e contribuir para a ampliação das atividades partidárias. São pessoas combativas, mas sem experiência organizativa, que durante certo tempo atuarão como filiados participando de algumas atividades internas ou de massas. É exatamente nessa fase que o trabalho de educação e de integração nos organismos partidários joga um grande papel.

Será através da prática concreta, da atuação organizada, que os novos filiados irão se transformando em militantes conscientes e ativos. Sentirão o Partido de outra forma, como um instrumento necessário e indispensável para a completa libertação política, econômica e social de nosso povo, em particular do proletariado. Como militantes ativos serão igualmente organizadores e propagandistas. Levarão para as entidades de



massas em que atuem as idéias, propostas e orientações do Partido. Nesse rumo sua integração será mais profunda e efetiva.

Forjando líderes

Desse conjunto de filiados e militantes sairão os quadros dirigentes partidários. Serão os que forem se destacando normalmente no domínio da linha política, da teoria marxista e na ação política concreta. As lideranças que se forjarão tanto internamente como junto às massas formarão os núcleos de direção dos novos organismos a serem estruturados.

Devemos compreender de forma dialética e não metafísica esse processo: filiado, militante e quadro não são categorias que definem estratos na estrutura partidária, mas sim, estágios sucessórios no processo de formação e capacitação dos comunistas.

Abrir as portas do Partido

Esta compreensão evitará comportamentos e tendências sectárias e estreitas em relação aos novos filiados, de só considerar como membro efetivo do Partido os militantes e quadros. Evitará também a concepção liberal de Partido que considerava a simples adesão e filiação como *todo* o trabalho de recrutamento e não se preocupa com a organização e formação dos que ingressam em nossas fileiras.

A política organizativa do Partido na atual fase exige e pressupõe amplitude e a abertura das portas do Partido aos que queiram nele ingressar mas, exige e pressupõe igualmente tenaz e perseverante trabalho de organização e educação desse contingente, para que os princípios e normas organizativas e de militância não sejam diluídos por métodos liberais na condução da vida partidária.

PUBLICAÇÕES DA EDITORA

ANITA GARIBALDI

- Problemas Econômicos do Socialismo na URSS - Stálin Cr\$ 8.000
- Socialismo, Ideal da Classe Operária, Aspiração de Todos os Povos - João Amazonas Cr\$ 5.000
- O Revisionismo Chinês de Mao Tsetung - João Amazonas Cr\$ 3.000
- O Trotsquismo, Corrente Política Contra-revolucionária - João Amazonas Cr\$ 500
- Em Defesa dos Diretos e da Emancipação da Mulher - Luiza Moraes Cr\$ 5.000
- Itinerário de Lutas do PC do B - Haroldo de Lima Cr\$ 3.000
- Discursos aos Eleitores - Enver Hoxha Cr\$ 2.000
- Albânia, 40 Anos Desbravando a História - Enver Hoxha Cr\$ 5.000
- História do Partido do Trabalho da Albânia - Enver Hoxha Cr\$ 15.000
- O Imperialismo e a Revolução - Enver Hoxha Cr\$ 5.000
- Reflexões sobre China - Enver Hoxha (2 volumes) - cada Cr\$ 10.000

Na sua compra acima de Cr\$ 30.000
ganhe um livro grátis

Pedidos para Editora Anita Garibaldi Ltda
Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 317 - conj. 43
São Paulo - Capital - CEP 01317
Tel: 34.0689

Cheque nominal - Vale Postal ou Reembolso Postal (pedidos acima de Cr\$ 20.000)

Circular da direção

A Comissão Diretora Nacional Provisória do P.C. do B enviou esta circular às Comissões Diretoras Regionais Provisórias, esclarecendo-as sobre procedimentos legais a serem adotados, tendo em vista as eleições municipais de 15 de novembro próximo.

O Congresso Nacional aprovou recentemente a lei que regulamenta as eleições para prefeitos das capitais, estâncias hidro-minerais e municípios anteriormente considerados de segurança nacional. O artigo 13 da referida Lei dispõe:

"Art. 13 - Os partidos políticos em formação, assim considerados para os efeitos desta lei os que, até 15 de julho de 1985, publicarem e encaminharem ao Tribunal Superior Eleitoral, para anotação e arquivo, o programa, manifesto e estatutos, observados os princípios estabelecidos no Art. 152 da Constituição Federal, estão habilitados à prática de todos os atos e procedimentos relativos ao seu funcionamento, inclusive os necessários à sua efetiva participação nas eleições de que trata esta lei.

Parág. 1 - O registro do estatuto do partido político em formação referido no inciso IV do art. 152 da Constituição Federal será deferido para efeito das eleições de 1985 desde que tenha sido aprovado pela maioria absoluta da respectiva comissão diretora nacional provisória.

Parág. 2 - Considera-se de âmbito nacional o partido político organizado ou que tiver constituído comissões diretoras regionais provisórias em pelo menos 5 (cinco) unidades federadas".

Nessas circunstâncias, o nosso Partido está habilitado para participar plenamente do processo eleitoral de 15 de novembro próximo. Para que tal ocorra, dentro dos

dispositivos legais, deverão ser tomadas as seguintes providências:

1 - A Comissão Diretora Regional Provisória deverá encaminhar ofício ao Tribunal Regional Eleitoral comunicando a constituição e instalação da referida Comissão no Estado. Junto ao ofício deverá ser encaminhada fotocópia da nomeação expedida pela Comissão Diretora Nacional.

2 - Em anexo deverão ser encaminhadas as nomeações das Comissões Municipais de reestruturação do P.C. do B. A nomeação para cada município ou zonal deverá ser feita em folha separada, e deverá ser aprovada em reunião da Comissão Diretora Regional Provisória, cuja cópia da Ata deverá ser junta à comunicação ao Tribunal Regional Eleitoral.

3 - As Comissões Municipais de Reestruturação do Partido deverão, por sua vez, encaminhar ofício ao juiz eleitoral do município ou da zona eleitoral, comunicando sua nomeação e início de suas atividades, acompanhada de fotocópia de sua nomeação.

4 - As sedes do Partido no município ou zona eleitoral deverão ser abertas, e iniciada ampla campanha de filiação partidária.

Estas medidas são urgentes para os municípios em que vão realizar-se eleições em 15 de novembro. Para os demais municípios do Estado as medidas a serem tomadas são idênticas.

O PC do B está aberto e legal, sem formalismos



Os 40 anos de Elza Monerat no Partido

No último dia 29 de junho, no plenário da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, os comunistas de todo o Brasil prestaram uma emocionante homenagem à camarada Elza Monerat que completava, naquele dia, 40 anos de militância ininterrupta no PC do B. Compuseram a mesa o dirigente comunista João Amazonas, da Direção Nacional do PC do B, Maria Dolores e José Roberto, da Direção Regional do Rio de Janeiro, o dirigente comunista português Eduardo Pires, do PC (R), o vereador Aloísio de Oliveira, o jornalista Augusto Vilasboas, da ABI, e a homenageada.

João Amazonas, falando em nome dos comunistas, além de traçar um perfil combativo de Elza Monerat, mostrando que ela sempre esteve à frente das lutas do PC do B, desde a infraestrutura de *A Classe Operária*, até a resistência guerrilheira do Araguaia, e com sua presença na Lapa, quando a reação da ditadura chacinou Pedro Pomar, Ângelo Arroyo e João Batista Drumond, e prendeu Haroldo Lima, Aldo Arantes, a própria Elza Monerat e outros companheiros do partido.

“Elza não é uma camarada que passou pelo partido. Ao ingressar em suas fileiras, dava um passo naquilo que ela considerou, desde aquele momento, o verdadeiro caminho de sua vida. E nunca traiu esse caminho. Marchou e marchará por ele até os últimos dias de sua vida”, afirmou o camarada Amazonas.

Encerrando a solenidade, que contou com a presença de centenas de pessoas, Vânia Oest, filha do dirigente comunista assassinado pela ditadura, Lincoln Oest, fez um emocionante pronunciamento sobre a militância revolucionária sob o fas-



cismo. Logo após, Elza Monerat e os companheiros e camaradas presentes cortaram um imenso bolo com o símbolo da foice e do martelo, enquanto um jogral composto por Luiza Martins, Vitória Grabois e Ana Muhs animava o ambiente e homenageava a camarada.

Com o fim do regime militar, o Partido Comunista do Brasil, PC do B, conquista sua legalidade. Seu Manifesto, Declaração Programática e Estatutos foram entregues à Justiça Eleitoral em Brasília e sua comissão nacional diretora foi instalada, assim como 17 comissões regionais foram registradas e outras 7 estão em vias de registro.

Com essas medidas legais, o PC do B alcança o mesmo patamar dos demais partidos existentes e parte para sua instalação em todos os níveis, constituindo comissões municipais e distritais, como aliás, já vem ocorrendo em vários Estados, sendo que só na capital de São Paulo, 35 comissões distritais foram formalizadas. Resta agora desencadear em todo o país, um processo massivo de filiação ao Partido.

Como disse o camarada João Amazonas, no dia da inauguração do diretório regional do PC do B em São Paulo, “temos que deixar de ser um partido de poucos milhares, para sermos um partido de milhões”. Para isso, é necessário que todas as instâncias do partido se conscientizem de que o momento agora e de levar o partido às massas e tornar suas idéias e propósitos conhecidos pelo povo, integrando em suas fileiras seus melhores combatentes.

Sem burocracia

É preciso evitar todo o tipo de formalismo e empecilhos burocráticos à filiação de novos militantes. Para nos capacitarmos a desempenhar um papel de peso na vida nacional, temos de ser audazes no recrutamento, que deve se tornar um fenômeno de massa e a preocupação número 1 dos militantes e organismos partidários em todos os níveis.

Para ser um organismo vivo, inserido no curso político do país e integrado à vida das massas, o Partido deve ser construído em todas as fábricas, escolas, bairros e vilarejos. Onde pulsar a vida do povo, onde houver luta pela democracia, pela independência nacional, pela terra, contra a exploração capitalista e pelo socialismo, o Partido deve existir. Não há nenhuma formalidade a ser cumprida para viabilizar o ingresso no Partido.

Desde que exista concordância com seu Programa e Estatutos, a filiação pode se concretizar. Inclusive, ali onde ainda não está organizada a direção partidária, nada impede que a partir da própria iniciativa das massas o Partido possa surgir e ser construído. Se, por acaso, houver dificuldade em obter os documentos básicos do Partido, estes podem ser pedidos à redação do nosso jornal.

Campanha de milhares

Uma campanha de filiação com o Partido utilizando todos os instrumentos disponíveis para veicular sua mensagem e conseguir milhares de novos membros está em curso no Estado de São Paulo. Com término previsto para 31 de dezembro, a campanha tem o nome de “O PC do B é Legal”.

Para atingir, num primeiro momento, as massas trabalhadoras em geral e a classe operária em particular, estão sendo preparados cartazes diferentes que levam em conta as características sócio-econômicas das regiões. Programas de rádio, publicações promovendo a campanha nas fábricas, exibição do filme “PC do B - 63 anos de luta”, broches, adesivos, além da meta de distribuir 1 milhão de livretos com o programa no Estado, fazem parte do conjunto de atividades.

Para melhorar os métodos de ligação com os militantes, além do boletim informativo que sai quinzenalmente, está-se programando uma mala direta para os militantes, contendo um resumo das principais notícias com um comentário político da direção.

Já existem 21 sedes abertas em São Paulo, 79 comissões constituídas e uma série de inaugurações programadas.



Operários e brasileiros entram para seu partido, o PC do B



Operários, trabalhadores, camponeses, estudantes, professores, artistas, intelectuais, técnicos e profissionais liberais, jovens e mulheres das camadas populares, o PC do B alcançou sua legalidade. Entre para seu partido, o partido de luta pela democracia e pelo socialismo!

O PC do B, que sempre lutou contra a dominação estrangeira, contra a exploração dos trabalhadores e do povo, quer ter mais e

mais brasileiros em suas fileiras para continuar na batalha que levará o Brasil à democracia, à independência e ao progresso.

Que surja o Partido onde houver homens e mulheres dispostos a lutar pela emancipação nacional e social! Cada célula ou comitê do Partido, que esses homens e mulheres do povo organizarão, será uma semente em solo fértil, que fará do PC do B uma organização forte e influente.

O PARTIDO E SEUS MEMBROS

Os Estatutos do PC do B, recentemente aprovados (ver CO de junho/85), definem claramente o caráter do Partido. De acordo com o artigo primeiro, "O Partido Comunista do Brasil, fundado a 25 de março de 1922, reestruturado a 18 de fevereiro de 1962 e reorganizado como partido legal em maio de 1985, é a união voluntária e combativa dos comunistas, uma organização inteiramente dedicada à defesa do povo e a serviço

dos mais altos interesses da nação. Tem como objetivos programáticos finais o socialismo e a edificação da sociedade comunista"

Já o artigo 8º, ao definir as condições de filiação partidária, estabelece: "Membro do Partido é todo aquele que, sendo maior de 18 anos, aceita seu Programa e Estatutos, cumpre suas decisões, atua em um de seus organismos e paga as contribuições estabelecidas"

Filie-se ao PCdo B Procure uma de nossas sedes

ALAGOAS

R. Cincinato Pinto, 543 - Centro - Maceió
Fone: 221.4634 - CEP 57000

BAHIA

R. da Independência, 27 - Centro
Fone: 241.6420 - CEP 40000 - Salvador

CEARÁ

R. São Paulo, 1950 - Centro - Fortaleza
CEP 60000

DISTRITO FEDERAL

Edifício Venâncio, SDS - Brasília
CEP 70302

ESPÍRITO SANTO

R. General Osório, 127 - 7º andar s/711
Vitória - CEP 29000

GOIÁS

R. 3, nº 380 - Centro - Goiânia
CEP 74000 - Fone: 65.1268

MARANHÃO

R. Oswaldo Cruz, 921 - São Luiz
Fone: 221.5777 - CEP 65000

MINAS GERAIS

R. Mato Grosso, 666 - sala 216 - Belo Horizonte
Fone: 337.6361 - CEP 30.000

PARÁ

R. Manuel Barata, 990 - Belém - CEP 66000

PARAÍBA

Pça. 1817, nº 88 - 1º andar - Centro
João Pessoa - CEP 58000

RIO DE JANEIRO

R. do Rosário, 135 - salas 303/304 - Centro
Rio de Janeiro - CEP 20000

SÃO PAULO

R. Capitão Macedo, 222 - Vila Clementino
Fone: 549.2089 - CEP 04021
R. Genebra, 135 - 4º andar
Fone: 32.9720 - CEP 01316

AOS DIRETÓRIOS DO PC DO B

Os diretórios regionais e municipais do Partido Comunista do Brasil que mudarem de endereços ou forem inaugurados, devem comunicar a alteração imediatamente à redação de A CLASSE OPERÁRIA.